



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharias

Turismo em Espaço Rural Vale do Côa como Rota do Agroturismo

Luciano Gonçalves Figueiredo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor José da Silva Neves Dias

Covilhã, Outubro de 2015

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai.

Agradecimentos

Esta dissertação marca o fim de mais uma etapa da minha vida académica, que apenas se tornou possível devido à contribuição de várias pessoas. Por isso, não queria deixar de expressar os meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Em 1º lugar um muito obrigado ao meu orientador Prof. Dr. José da Silva Neves Dias, pela disponibilidade, motivação, paciência e partilha de conhecimento.

Agradeço também à minha família, amigos e colegas de curso que sempre me apoiaram durante estes longos anos universitários.

À Universidade da Beira Interior e a todos os docentes que fizeram parte da minha formação académica.

Aos colegas de curso que se tornaram grandes e fieis amigos.

Um especial obrigado à minha mãe, que me ajudou e apoiou com aquilo que podia, nesta longa etapa.

À colega e amiga Carolina Monteiro, pela ajuda, disponibilidade e companheirismo.

À Cátia Lopes pelo incentivo, dedicação, motivação e companheirismo.

Resumo

Na presente dissertação para finalização de mestrado em arquitetura, propõe-se a elaboração de um trabalho sobre turismo em espaço rural na região do Vale do Côa, situado perto da cidade de Pinhel (Freixedas).

A primeira parte do estudo consiste numa abordagem teórica, apoiada por dois capítulos. Os capítulos resumem-se ao conceito de turismo em áreas urbanas e rurais e o seu potencial enquanto fator de desenvolvimento. O turismo em espaço rural tem evoluído cada vez mais e é procurado pelas classes média e alta, que tendem a deslocar-se para espaços rurais a fim de se interligarem com a natureza, mais propriamente com o ciclo agrícola.

A principal ideia do trabalho tem como objetivo, a criação de um espaço inexistente nas zonas urbanas, dando uma enorme importância à natureza, à tradição e acima de tudo ao sossego.

Neste contexto e com a obtenção de conhecimento sobre o turismo, o ponto a atingir consiste na criação de uma nova unidade destinada ao turismo em espaço rural, na região do Vale do Côa.

Palavras-chave

Turismo, turismo em espaço rural, arquitetura sustentável, qualidade, satisfação.

Abstract

In this thesis for master's degree in architecture conclusion, it is proposed to prepare a paper on rural tourism in the Côa Valley region, located near the town of Pinhel (Freixedas).

The first part of the study consists of a theoretical approach, supported by two chapters. Chapters boil down to the concept of tourism in urban and rural areas and its potential as a development factor. The rural tourism has evolved and is increasingly sought after by the middle and upper classes, who tend to move to rural areas in order to interconnect with nature, with the agricultural cycle.

The main idea of the work is aimed at the creation of a non-existent space in urban areas, giving great importance to nature, tradition and above all the rest

In this context and with getting knowledge on tourism, the point to achieve is the creation of a new unit for the rural tourism in the Côa Valley region.

Keywords

Tourism, rural tourism, sustainable architecture, quality, satisfaction

Índice de conteúdos

Capítulo 1 - Introdução	1
1.1 Temática e Objetivo	1
1.2 Âmbito da investigação	2
1.3 Organização do trabalho	2
Capítulo 2 - História do Turismo	5
2.1 O turismo na Antiguidade	5
2.1.1. O turismo na Idade Média	6
2.1.2. O turismo na Idade Moderna	6
2.2 As origens do Turismo em Portugal	9
2.3 Conceito de Turismo	11
2.3.1. Tipos de Turismo	13
2.3.1.1. Turismo de Repouso	14
2.3.1.2. Turismo Cultural	15
2.3.1.3. Turismo de Desporto	15
2.3.1.4. Turismo de Negócio	15
2.3.1.5. Turismo Político	16
2.3.1.6. Turismo de Saúde	16
2.3.1.7. Turismo Étnico	16
2.3.1.8. Turismo de Natureza	17
2.4 Conceito de Turista	17
2.4.1. Tipos de turistas	19
2.5 Impactos do Turismo	20
2.5.1. Impactos do Turismo na Economia	22
2.5.2. Impactos do Turismo no meio Ambiente	24
2.5.2.1. Relacionados com os Recursos Naturais	25
2.5.2.2. Relacionados com a Poluição	25
2.5.2.3. Relacionados com os Impactos Físicos no Geral	28
2.5.3. Impactos do Turismo na Cultura	29
2.5.4. Impactos do turismo na Sociedade	30
Capítulo 3 - Turismo Rural	33
3.1 Conceito de Turismo Rural	33
3.2 Tipos de Turismo Rural	33
3.2.1. Ecoturismo	34

3.2.2. Turismo de Natureza	35
3.2.3. Turismo Cultural e Paisagístico	36
3.2.4. Agroturismo	36
3.2.5. Turismo em Espaço Rural	37
3.3 O Turismo em Espaço Rural	37
3.4 A Procura do Turismo em Espaço Rural	40
3.5 A Oferta do Turismo em Espaço Rural	42
3.5.1. Os recursos turísticos na oferta	42
3.5.2. Os serviços turísticos na oferta	43
3.5.3. Os produtos turísticos na oferta	44
3.5.4. Os destinos turísticos na oferta	45
3.6 O Turismo em Espaço Rural / Desenvolvimento Local	46
3.6.1. Efeitos positivos e negativos do TER	47
3.6.2. Contributo do TER para o desenvolvimento local	48
3.7 A Região do Vale do Côa	50
3.7.1. Enquadramento físico da região Vale do Côa	51
3.7.1.1. Caracterização do Rio Côa	52
3.7.1.2. Caracterização do Clima na Região do Vale do Côa	53
3.7.1.3. Caracterização da Fauna e Flora	54
3.7.1.4. Caracterização da Atividade Humana	55
3.7.1.5. Caracterização do Património Cultural e Arquitetónico	55
3.7.2. Principais Características da Região do Vale do Côa	56
Capítulo 4 - Memória Descritiva	57
4.1 Introdução	57
4.2 Objetivo	57
4.3 Área de Intervenção / Enquadramento Geral	58
4.3.1. Estudo / Análise da Área de Intervenção	59
4.4 Ideia / Conceito	60
4.5 Programa / Distribuição Funcional	64
4.5.1. Volume A (Restaurante)	64
4.5.1.1. Esquema e Distribuição dos Espaços do Volume A	65
4.5.1.2. Planta / Esquema da Distribuição da Cozinha	66
4.5.2. Volume B (Público / Privado)	66
4.5.2.1. Esquema e Distribuição dos Espaços do Volume B	67
4.5.2.2. Planta do Piso 0	68
4.5.2.3. Planta do Piso 1	68
4.5.2.4. Distribuição dos Espaços do Quarto	69
4.5.3. Volume C (Privado)	70

4.5.4. Estacionamento	71
4.5.5. Recepção	71
4.6 Sistemas Construtivos	74
4.6.1. Fundação / Estrutura	74
4.6.2. Paredes Exteriores	75
4.6.3. Paredes Interiores	75
4.6.4. Paredes da Recepção	76
4.6.5. Lajes / Cobertura	77
4.6.6. Tetos	77
4.6.7. Pavimentos Exteriores	78
4.6.8. Escadas Interiores	78
4.6.9. Muros de Suporte	78
4.6.10. Acesso à Zona de Cargas e Descargas	79
4.7 Fotos da Maquete / Imagens da Proposta	79
Capítulo 5 - Considerações Finais	81
Bibliografia	83
Lista de Anexos	87

Lista de Figuras

Figura 1 – Ave morta devido a resíduos no solo.....	26
Fonte - http://www.manuandomundo.com/2014/08/como-o-plastico-esta-transformando-o-planeta	
Figura 2 - Proliferação excessiva das algas.....	27
Fonte - http://noticias.terra.com/ciencia/mare-vermelha-se-aproxima-e-fecha-praias-de-dubai,bc491557419ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html	
Figura 3 – Pichação de muro.....	27
Fonte - http://www.bushtrash.de/bilder/tacheles/tacheles.htm	
Figura 4 – Estrutura de publicidade.....	27
Fonte - http://varelanoticias.com.br/prefeitura-restitui-comissao-de-publicidade-para-regular-poluicao-visual-em-salvador/	
Figura 5 – Observação da paisagem (Ecoturismo)	34
Fonte - http://revistaecoturismo.com/turismo-sustentabilidade/confira-seis-dicas-para-turismo-consciente-na-natureza	
Figura 6 – Rafting.....	35
Fonte - https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafting#/media/File:Rafting_em_Brotas.jpg	
Figura 7 – Hiking.....	35
Fonte - http://www.ebubble.com/v1/bubble.aspx?oid=20150623121849000	
Figura 8 – Climbing.....	35
Fonte - http://www.melinas-apartments.gr/activities.html	
Figura 9 – Kayaking.....	35
Fonte - http://www.kayak-excursions.com/Bunche%20Beach.html	
Figura 10 – Rota do Pica-Chouriços.....	36
Fonte – http://ww.spira.pt/touring-cultural-e-paisagistico/rota-pica-chouricos/18	

Figura 11 – Municípios integrantes da AMVC.....	51
Fonte - http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Regiao&SubPage=ValeDoCoa	
Figura 12 – OS 10 municípios da Região Vale do Côa.....	51
Fonte - http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Regiao&SubPage=ValeDoCoa	
Figura 13 – Encostas do rio Côa.....	53
Fonte - Luís, L. (2008), A arte e os Artistas do Vale do Côa.	
Figura 14 – Percurso do rio Côa.....	53
Fonte - http://www.artecoa.pt	
Figura 15 – Freixos junto ao leito do rio Côa.....	54
Fonte - http://dias-com-arvores.blogspot.pt/2008/04/as-rvores-no-sabem-nadar.html	
Figura 16 – Vegetação zimbral.....	54
Fonte - http://www.cise.pt/pt/index.php/serra-da-estrela/flora-e-vegetacao?start=2	
Figura 17 – Abutre do Egípto.....	54
Fonte - http://eco123.info/en/vale-do-coa-gr-trail-expedition	
Figura 18 – Grifo.....	54
Fonte - http://atnatureza.blogspot.pt/2010_09_01_archive.html	
Figura 19 – Muro apiário.....	56
Fonte - http://asnotasparaomeudiario.blogspot.pt/2010_11_01_archive.html	
Figura 20 – Habitação pedra/xisto.....	56
Fonte - http://www.geodruid.com/intl/en/place/2850159-residencial-marina-casa-de-hospedes-vila-nova-de-foz-coa-portugal	
Figura 21 – Esquema de localização da área de intervenção.....	58
Fonte - http://www.arte-coa.pt	
Tratamento – Elaboração própria	
Figura 22 – Esquema do estudo do terreno.....	59
Fonte - https://www.google.pt/maps/place/Freixedas	

Tratamento – Elaboração própria

Figura 23 – Cheios/Vazios.....60

Fonte – Elaboração própria

Figura 24 – Vazio de menor cota.....60

Fonte – Elaboração própria

Figura 25 – Volume Sólido.....60

Fonte – elaboração própria

Figura 26 – Distribuição do volume.....60

Fonte – Elaboração própria

Figura 27 – Imagem área do terreno.....61

Fonte - <https://www.google.pt/maps/place/Freixedas>

Figura 28 – Imagem do local (A).....61

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 29 – Imagem do local (B).....62

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 30 – Edifício rústico existente (C).....62

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 31 – Edifício rústico existente (D).....63

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 32 – Imagem do local (E).....63

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 33 – Esquema da organização dos 3 volumes.....64

Fonte – Elaboração própria

Figura 34 – Distribuição dos espaços.....65

Fonte – Elaboração própria

Figura 35 – Planta do restaurante Sem escala.....	65
Fonte – Elaboração própria	
Figura 36 – Planta da cozinha Sem escala.....	66
Fonte – Elaboração própria	
Figura 37 – Esquema da ideia.....	67
Fonte – Elaboração própria	
Figura 38 – Planta da zona dos quartos Sem escala.....	68
Fonte – Elaboração própria	
Figura 39 – Quarto com jacuzzi.....	69
Fonte – Elaboração própria	
Figura 40 – Quarto simples.....	69
Fonte – Elaboração própria	
Figura 41 – Planta alojamento privado Sem escala.....	70
Fonte – Elaboração própria	
Figura 42 – Esquema de montagem.....	71
Fonte – Elaboração própria	
Figura 43 – Planta da receção Sem escala.....	72
Fonte – Elaboração própria	
Figura 44 – Estrutura do edifício A e C.....	74
Fonte – Elaboração própria	
Figura 45 – Estrutura do edifício B.....	74
Fonte – Elaboração própria	
Figura 46 – Parede dupla.....	75
Fonte – Elaboração própria	
Figura 47 – Parede de betão armado.....	75

Fonte – Elaboração própria

Figura 48 – Parede simples.....76

Fonte – Elaboração própria

Figura 49 – Parede de pedra.....76

Fonte – Elaboração própria

Figura 50 – Laje da cobertura.....77

Fonte – Elaboração própria

Figura 51 – Estrutura da escada interior.....78

Fonte – Elaboração própria

Figura 52 – Muro de suporte.....79

Fonte – Elaboração própria

Figura 53 – Fotografia da maquete 1.....79

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 54 – Fotografia da maquete 2.....79

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 55 – Fotografia da maquete 3.....80

Fonte – Luciano Figueiredo

Figura 56 – Imagem 3D da Proposta.....80

Fonte – Elaboração própria

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Áreas do restaurante.....71

Fonte – Elaboração própria

Tabela 2 – Áreas do alojamento.....71

Fonte – Elaboração própria

Tabela 3 – Áreas do alojamento público/privado.....72

Fonte – Elaboração própria

Tabela 4 – Áreas da recepção.....72

Fonte – Elaboração própria

Capítulo 1 - Introdução

1.1 Temática e Objetivos

A temática da realização deste trabalho relaciona-se com o turismo em espaços rurais enquanto instrumento potenciador do desenvolvimento rural. Assim, este trabalho apoia-se na análise do fenómeno turismo, desde a sua origem até aos dias de hoje, para uma melhor compreensão da evolução dos vários tipos de turismo em áreas rurais e como estes se podem desenvolver, concretizar no meio rural.

O fenómeno da atividade turística pode resultar num fator de desenvolvimento para as áreas rurais, sendo defendido por alguns autores e criticado por outros. No entanto, esta atividade pode completar a atividade agrícola, a partir de receitas, mas não pode resultar numa solução para todos os problemas que enfrentam. De facto, as áreas rurais no interior do país têm sofrido grandes perdas de população, para as grandes cidades. A crise económica, social e política, também é vista como um problema a resolver, pois, com estes problemas, os residentes mais jovens são obrigados a sair da região, optando muitas vezes pela emigração ou imigração para os grandes centros do litoral. Já para não falar do sector agrícola, cada vez mais pobre e desmotivado com esta situação, que é a principal atividade das áreas rurais.

No entanto, perante este cenário, toma-se consciência da importância que as zonas rurais e o sector agrícola detêm na manutenção da vida cultural, social e ambiental, numa tentativa de reativar estas áreas por meio de apoios comunitários. Algumas medidas têm vindo a ser tomadas para dar fruto ao desenvolvimento rural, sobretudo através da União Europeia, de modo a aproveitar o potencial que os espaços rurais têm para oferecer.

Com a prática turística e a partir do seu fator de desenvolvimento, o espaço rural pode ser privilegiado com o aumento de emprego, na capacidade de desenvolver outras atividades e outros tipos de recursos locais.

Ainda assim, a implementação do turismo não é uma atividade suficiente para promover o desenvolvimento rural e muito menos ser entendida como uma solução para todos os problemas que as áreas rurais enfrentam, favorecendo apenas em alguns casos o desenvolvimento e o crescimento local.

Com o estudo do tema turismo e a partir dos efeitos positivos e negativos que proporciona no espaço rural, o principal objetivo do trabalho centra-se na criação e elaboração de um projeto de empreendimento turístico em espaço rural, com o objetivo de desenvolver a região do Vale do Côa e apoiar a atividade agrícola e os seus recursos secundários.

Assim, este trabalho consiste no contributo e compreensão:

- Da questão do desenvolvimento do turismo em espaço rural, tendo em conta a forma como o turismo surge e se desenvolve;
- Da existência de uma forte relação entre espaços rurais e espaços naturais;
- Da forma como uma atividade turística pode causar problemas e benefícios para o meio rural e para as espécies existentes;
- Dos benefícios políticos, sociais e culturais que uma atividade turística pode proporcionar ao local.

Os principais objetivos centram-se em:

- Compreender o aparecimento do turismo e a sua história;
- Perceber os vários tipos de turismo;
- Entender quais são os tipos de turistas e o que procuram;
- Quais são os tipos de impactos que o turismo pode causar, tanto a nível económico, social, ambiental e cultural;
- As várias atividades turísticas que podem surgir em espaço rural, na procura e oferta;
- As principais características da região Vale do Côa e desenvolvimento local.

1.2 Âmbito da Investigação

A investigação desenvolvida neste trabalho, parte de um conjunto de conhecimentos da análise turística e do desenvolvimento rural, de forma a contribuir na elaboração de um empreendimento turístico.

Para tal, é fundamental fazer uma análise do fenómeno turístico, compreender o conceito de turismo, de turismo em áreas rurais, de turista, da emergência de novas tipologias de turismo e de novos turistas, de forma a ser aplicado este estudo no projeto de arquitetura.

1.3 Organização e Estrutura do Trabalho

Esta dissertação estrutura-se em duas diferentes partes e é subdividida em quatro capítulos. Uma primeira parte mais teórica reparte-se sobre três capítulos. O primeiro capítulo é constituído pelos aspetos introdutórios e os objetivos de investigação, bem com da descrição e organização da dissertação.

No segundo capítulo é apresentado e estudado o desenvolvimento do turismo, desde a antiguidade até aos dias modernos. Também expõe o conceito de turismo e dos vários tipos de

turismo existentes. O conceito turista também é abordado neste capítulo, bem como os impactos referentes à atividade turística.

No terceiro capítulo é apresentado o conceito de turismo rural, os vários tipos de turismo rural, a procura do turismo e a oferta. Também é apresentado o contributo do turismo para o desenvolvimento local, o turismo em espaço rural em Portugal e por fim a região Vale do Côa e as suas características.

O capítulo quatro apresenta o desenvolvimento do projeto de arquitetura acompanhado pela memória descritiva e desenhos técnicos.

Capítulo 2 - História do Turismo

2.1 O turismo na Antiguidade

O turismo é um fenómeno que está relacionado com as viagens, com o ato de visitar diversos locais diferentes da residência habitual das pessoas. Em termos históricos, o turismo teve início quando o homem deixa de ser sedentário e passa a viajar, para comercializar o seu produto com outros povos.

Deste modo, o turismo de negócio aparece primeiro que o turismo de lazer. O interesse económico já era reconhecido nestes tempos, porque o homem sempre viajou para outras paragens e nelas procurava novas terras para criar explorações.

O fenómeno de divulgar, difundir a religião também foi responsável pela origem das viagens nesta época, por intermédio das Cruzadas. Assim, o turismo religioso apareceu há muitos séculos atrás. Praticar turismo de saúde também já não é uma prática contemporânea, uma vez que no império romano já se faziam viagens às termas para se cuidar do estado de saúde. O turismo de desporto também não é um fenómeno recente, tendo origem na civilização helénica através do aparecimento dos jogos olímpicos. Assim, percebe-se que o fenómeno de viajar para outros locais, motivados por diversas razões é um hábito antigo na história da humanidade.

O Egito, há três mil anos antes de Cristo já, era uma “Meca para os viajantes que para lá afluíam para contemplar as pirâmides e outros monumentos”. Para chegar ao Egito, os viajantes atravessavam o rio Nilo em embarcações ou deslocavam-se por terra, em carruagens¹.

O mesmo autor refere ainda que os fenícios foram os maiores responsáveis no desenvolvimento do conceito moderno das viagens. A Fenícia, apresentando-se como uma região pobre para o desenvolvimento da agricultura, teve necessidade de desenvolver o comércio internacional como um instrumento de sobrevivência. Este fenómeno ocorreu há mais de mil anos antes de Cristo, na época que a China e a Índia registavam um grande número de viagens. Na Grécia antiga, o fenómeno de viajar era disperso. Heródoto, conhecido como um dos primeiros historiadores da humanidade, viajou pela Fenícia, Egito, Grécia e Mar Morto. Durante o império romano, os viajantes realizavam as suas viagens por estradas que eram protegidas pelo exército romano. Os romanos realizavam viagens de longa distância sobretudo para visitar grandes templos, começando a dar origem às primeiras viagens por lazer. De certa forma, os romanos já tinham capacidade de realizar viagens de longas distâncias, conseguindo percorrer durante

¹ Ignarra, L. (2003), Fundamentos do Turismo.

um dia cerca de 150 Km. Para tal, nas vias por onde os romanos passavam, começaram a ser instalados postos para trocas de animais, permitindo vencer grandes distâncias em tempos mais curtos. É nestes pontos de troca que começam a surgir as primeiras hospedagens que assumiram um papel fundamental para o desenvolvimento do turismo. Quem se aloja nelas eram pessoas que tinham posses, deslocando-se em liteiras ou em carruagens. Nesta época, os romanos viajavam para cidades litorais na procura de banhos medicinais, como por exemplo para fazer talassoterapia. A talassoterapia existe desde há cerca de 500 anos antes de cristo e nesta altura apareciam também os primeiros spas.

Nesta época, a Ásia Menor registava um grande número de eventos atraindo viajantes de todas as partes do mundo. A região de Éfeso, hoje com nome de Turquia, registava cerca de 700 mil visitantes que observavam espetáculos de mágicos, de acrobatas, entre outros artistas. Assim, o turismo de eventos começava a dar os primeiros passos².

2.1.1. O Turismo na Idade Média

Com o fim do império romano, a atividade turística sofre um retrocesso devido ao aumento do número de conflitos, aliado a uma forte recessão económica, originando um grande decréscimo das viagens. Com o feudalismo viajar, torna-se uma aventura perigosa, devido ao grande aumento de assaltos em grupos. Só era possível viajar-se em segurança se as cruzadas estivessem por perto e estas compareciam em visitas organizadas que se realizavam a centros religiosos da Europa. Assim, as viagens em grupo podem ter dado origem ao turismo de grupo.

A partir do ano mil, viajar torna-se mais seguro. Nesta época, começam a construir-se grandes estradas, dando início à circulação de comerciantes, peregrinos, mendigos, trovadores, monges e estudantes. Os viajantes que apresentavam um nível social mais elevado hospedavam-se nos castelos ou em casas particulares, enquanto que os que apresentavam um nível mais baixo procuravam barracas ou hospedagens para se refugiarem. Também nesta época, os filhos das famílias nobres vão estudar para os grandes centros culturais da Europa, originando as primeiras viagens de intercâmbio cultural.

2.1.2. O Turismo na Idade Moderna

Com o fim da Idade Média, o início da Idade Moderna é marcado pelo aparecimento do capitalismo comercial. Começa uma época de grandes alterações tanto a nível tecnológico, económico, social e cultura, atribuindo um outro significado às viagens. Nesta época, criaram-se longas vias de circulação para comerciantes que percorriam toda a Europa, início de algumas autoestradas hoje existentes. Nos cruzamentos destas longas estradas surgem as primeiras

² Ignarra, L. (2003), Fundamentos do Turismo.

feiras comerciais. Era o início das feiras que hoje provocam grande fluxo de turismo em todo o mundo.

O crescimento industrial no século XVII foi o principal fator que deu início ao turismo, afetando a forma de vida das pessoas que estava estabelecida há séculos. “O aumento da riqueza, a ampliação da classe de comerciantes e a secularização da educação, estimularam o interesse por outras culturas e pelo conceito de que viajar era uma forma de educação”. A partir da metade do século XVII, a maioria das pessoas cultas e famosas realizam viagens por quase toda a Europa, hospedando-se em estadias de longa duração. Os jovens de classe mais alta realizavam a Grand Tour viajando pela Europa, visitando locais como Paris, Florença, Roma e Veneza. Esta viagem passou a ser convencional e regular com uma duração de 3 anos. A Grand Tour é a viagem que dá início ao conceito de turismo e assim os viajantes designam-se de turistas³.

Primeiramente, as viagens eram por terra (terrestres), depois passaram a ser feitas por mar, ligando a Europa à África pelo mar Mediterrâneo e mais tarde atravessando oceanos.

Nesta época, é de referir a viagem que o explorador Marco Polo (1271) fez da Venezuela até à China. Podendo ser considerada uma das primeiras viagens turísticas de longo percurso. Mas ainda antes de Marco Polo ter viajado, um judeu chamado de Benjamin de Tudela residente de Zaragoza, em 1160 começou uma viagem pela Europa, Pérsia e Índia.

Os séculos XV e XVI são a época dos desbravamentos e das descobertas. Estes dois séculos foram marcados pelas grandes navegações, com o propósito de dar a volta ao mundo, como é o caso de Fernão de Magalhães. Para atravessar os grandes oceanos eram necessárias centenas de pessoas e períodos de tempo de vários meses. Assim, estas viagens teriam sido as precursoras dos grandes cruzeiros marítimos da atualidade⁴.

Com o passar dos séculos e com o progresso do capitalismo, o hábito de viajar para estações de águas expandiu-se nas classes mais favorecidas. No início, os Spas eram instalados no interior dos países e mais tarde começam a surgir nas zonas litorais, perdendo o significado de zona de tratamento de saúde, passando a ter outras funções como eventos sociais, bailes, jogos de azar, entre outras formas de entretenimento. Esses lugares na época são os mais próximos dos empreendimentos turísticos da atualidade.

O turismo apresenta um maior desenvolvimento com o surgimento das vias-férreas. Este meio de transporte veio acelerar o crescimento da população e da riqueza, criando um grande mercado num curto período de tempo. A partir deste período surgem as grandes viagens em massa, o aparecimento dos agentes e dos operadores turísticos. Estrutura-se uma organização

³ Ignarra, L. (2003), Fundamentos do Turismo.

⁴ Idem.

para as viagens, surgem os primeiros pacotes turísticos, inicia-se a publicação das viagens através de cartazes e folhetos, criando novas formas de marketing.

No século XIX, a Revolução Industrial, o avanço das ciências e o desenvolvimento dos meios de transporte, em particular do comboio, permitiram fazer viagens de longas distâncias em espaços de tempo mais curtos. Assim, a atividade turística dá um grande passo no seu desenvolvimento. Em 1841 Thomas Cook, foi o primeiro a tomar a iniciativa de fazer uma viagem organizada. O secretário alugou um comboio com capacidade de 570 passageiros e levou as pessoas a viajar de Leicester para Loughborough, na Inglaterra, participando 485 viajantes. Mais tarde, em 1864 Cook, volta organizar uma outra viagem coletiva com destino à Suíça. As duas viagens tiveram um grande sucesso e assim, a sua empresa passou a organizar viagens para a Europa e mais tarde para os Estados Unidos. Estas iniciativas de Thomas Cook marcam uma das mais “importantes etapas na história do turismo”⁵. A empresa é considerada a primeira agência de viagens e nos dias atuais é uma das maiores organizações turísticas do mundo.

Nesta época, as viagens pelo mar sofrem também um desenvolvimento favorecido pela chegada dos primeiros barcos a vapor, na segunda metade do século XVIII. As viagens marítimas passam a ter uma maior segurança, realizando os trajetos mais rápidos, conseguindo transportar mais carga e mais passageiros a bordo. Deste modo, o turismo inicia novas rotas turísticas entre a Europa e os restantes continentes.

Uma outra importante etapa no desenvolvimento do turismo ocorre no período entre as duas grandes guerras mundiais. Nestes tempos de guerra dá-se início ao desenvolvimento de outros dois meios de transporte, tais como o automóvel e o avião. Assim, esta época é marcada pelo aparecimento de campings, albergues da juventude e colônias de férias, as quais dão origem ao turismo social. No entanto, o desenvolvimento do avião foi o fator que mais contribuiu para o desenvolvimento turístico, pois este meio de transporte praticava preços mais baratos e deslocava-se com mais rapidez⁶.

Contudo, a última etapa para o desenvolvimento do turismo ainda estava para chegar, quando é posto fim à Segunda Guerra Mundial. Esta época é marcada por uma revolução tecnológica mais virada para o sector industrial, tendo como consequência uma aceleração da criação de riquezas que se espalha por grande parte da população mundial. Assim, este foi um dos principais fatores que mais contribuiu para a atividade turística, pois as pessoas tinham posses para realizar as suas viagens de lazer. O PIB obteve assim, um aumento contínuo de 3% por ano nos países da Europa ocidental e as viagens apresentavam um crescimento de 6% ao ano. O grande crescimento turístico centrou-se nos 25 países mais desenvolvidos do mundo⁷.

⁵ Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição Atualizada e Aumentada.

⁶ Luiz Renato Ignarra (2003), Fundamentos do Turismo, 2ª Edição Revista e Ampliada.

⁷ Idem.

Um outro contributo para o desenvolvimento da atividade turística surge quando são registados novos avanços técnicos para os transportes e comunicações, bem como com o aparecimento da televisão, que divulga as variedades dos atrativos dos vários países. Também durante esta época, as famílias de classe média que tinham posses compram o seu primeiro automóvel, sendo este um dos fatores que mais modificou o estilo de vida na sociedade.

2.2 As Origens do Turismo em Portugal

Nos últimos anos, o turismo tem apresentado um papel importante no desenvolvimento económico e social do país. Este tipo de atividade apresenta-se como um sector de extrema importância para vários países e Portugal não foge à regra. O turismo chega a Portugal uns anos mais tarde em relação aos outros países europeus, porém o seu início não é bem definido. Segundo alguns autores o turismo esteve sempre presente, porque se faziam viagens motivadas por razões religiosas e comerciais.

No início da década de 60 do séc. XX, o turismo apresenta um intenso crescimento em todo o mundo. Portugal só nessa altura começa a ter algum interesse por este tipo de sector, pois foi nesta época que os turistas europeus descobriram as encostas e colinas da região do Algarve.

A nível interno do país, o turismo também começava a dar os primeiros passos. Nessa época já se passavam férias em Cascais, descia-se o rio Tejo de barco com início na Barquinha. O desporto náutico, as termas, bem como a sua hotelaria constituíam outro destino turístico, frequentado pela população nacional, localizadas em Monchique, Vidago e Pedras Salgadas. A ilha da Madeira também já era internacionalmente reconhecida como destino turístico, e com a chegada de diversos turistas impulsionou o futuro da ilha, tanto a nível de hotelaria como de serviços turísticos. No entanto, o desenvolvimento da ilha como ponto turístico foi maior em 1960, quando se realizaram os primeiros voos da TAP⁸.

Ainda assim, o turismo era apenas usufruído por alguns portugueses, não tendo qualquer impacto na economia nacional, trazendo apenas a nível local, animação cultural, social e comercial. Nesta altura era difícil realizarem-se viagens, e quem as fazia eram viajantes e não turistas, pois quem praticava as viagens fazia-o para se cultivar intelectualmente e não por prazer⁹.

A história do turismo em Portugal divide-se em três fases distintas de evolução. A primeira fase tem início no século XIII, com a designação de “livre direito de viajar”, este fenómeno foi imposto pelos reis, na qual o seu povo que tivesse condições para tal, pode-se viajar para abrigar-se e alimentar-se a título gratuito. Tal fenómeno do livre direito de viajar dura até aos séculos XIV e XV, sendo alterada nestes mesmos séculos, com a institucionalização das

⁸ João Martins Vieira, (1997), A economia do Turismo em Portugal.

⁹ José Alberto Afonso Alexandre, O turismo em Portugal: Evolução e Distribuição.

hospedarias e com cedência de direitos aos estalajadeiros, onde estes ofereciam proteção, permitindo obter benefícios com esta atividade. A segunda fase tem início no século XX e é marcada pelo rápido crescimento e euforia do sector, devido à criação das primeiras organizações governamentais, tanto a nível nacional como a nível local¹⁰. A nível nacional com o lançamento da Sociedade de Propaganda de Portugal e da Repartição do Turismo, a nível local com a origem e criação das comissões de iniciativa¹¹.

A Sociedade de Propaganda de Portugal é constituída a 28 de Fevereiro de 1906, por pressão de Leonildo de Mendonça e Costa (1849-1923) e em 16 de Maio de 1911 o Governo Provisório da República decretava a constituição do Concelho de Turismo apoiada por uma Repartição de Turismo, anunciada a 20 de Maio no IV Congresso Internacional de Turismo.

Um outro fator importante para o crescimento do turismo tanto em Portugal como nos outros países foi o desenvolvimento dos meios de transporte. Em 1856 é construída a linha de caminho-de-ferro que liga Lisboa e o Carregado, em 1887 inicia-se a ligação ferroviária entre Lisboa e Paris, com o passar dos anos em 1900 já existiam em Portugal cerca de 2000 Km de linhas férreas. Durante estes anos, em 1895 chega a Portugal o primeiro automóvel, dando início a deslocações mais rápidas. Depois do automóvel, a preocupação foi reconstruir as estradas e para esse fim foi criada a primeira Junta Autónoma de Estradas que deu origem ao turismo automóvel em Portugal, criando condições de rápida progressão no turismo rodoviário abandonando o uso ferroviário¹². Os SAP (Serviços Aéreos Portugueses) são construídos em 1927 que liga Lisboa a Madrid e em 1934 é fundada a Companhia Aero Portuguesa que liga Lisboa e Casablanca. No entanto com a construção de aeroportos em Portugal, o turismo obteve um maior desenvolvimento sobretudo na zona Algarvia, convertendo-se numa das regiões com maior perspectiva de desenvolvimento apoiado no turismo¹³.

Com o I Congresso Nacional de Turismo realizado em Janeiro de 1936 na Sociedade de Geografia de Lisboa, surge com enorme influência na municipalização do turismo local, “onde se propunha a análise da situação em que se encontrava Portugal”¹⁴, com função de criar condições essenciais exigidas pelo desenvolvimento do turismo. Com o desenrolar da Guerra Civil Espanhola em 1936, o resultado do congresso foi um fracasso sendo mesmo suspenso, paralisando por três longos anos a atividade turística de Portugal.

Por outro lado, o turismo português começa um período de dificuldades com o início da II Guerra Mundial, estendendo-se até meados da década 60. Só a partir dessa altura, com o progresso económico e social é que o sector turístico se desenvolveu e consolidou. No entanto, com o

¹⁰ Carlos Costa, Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector turismo (1990-2000).

¹¹ Pina, P. (1988), Portugal: O Turismo no século XX, Lisboa.

¹² José Alberto Afonso Alexandre, O turismo em Portugal: evolução e distribuição.

¹³ Vieira, J. (1997), A economia do Turismo em Portugal.

¹⁴ Lobo, S. (2012), Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos as cenografias do lazer na costa. Portuguesa, da 1.ª república à democracia parte I.

decorrer da guerra, Estoril enche-se de refugiados, favorecendo o seu crescimento bem como o seu desenvolvimento, mesmo não possuindo as devidas condições a nível hoteleiro para alojar tantos refugiados. Antes de estoirar a guerra, o Estoril e a Madeira durante a época invernal eram frequentadas por clientes ingleses, na maioria reformados que se distribuíam pelas várias praias e termas. Com o final da guerra reinicia-se a vontade de viajar motivada por negócios, cultura, desporto, reuniões científicas e políticas, a par de alguns fluxos verdadeiramente turísticos. Com o regresso da paz ao país e com o turismo em desenvolvimento, as peregrinações a Fátima começam também a ter uma certa evolução bem como as viagens até à beira mar com destaque na cidade de Lisboa, começando a “afirmar-se um certo turismo popular internacional”¹⁵.

No século XX, o fenómeno viajar, foi eleito como um meio de equilíbrio das contas externas e internas. Muitos defensores do desenvolvimento turístico viam no turismo possibilidades mais vastas, quer de ordem material, quer imaterial e tanto para o sector privado como o público. De modo que, o turismo para uns revelava fontes de receitas e vantagens económicas para o estado, para o comércio e para a indústria Nacional, para outros, o efeito do turismo atinge espaços mais amplos, quer na ciência quer nas artes¹⁶.

No entanto, desde esse período, com as despesas dos estrangeiros, tanto a nível de alojamento, como outros tipos de serviços, tais como alimentação e afins, permitiu que Portugal obtivesse um menor défice na Balança de Pagamentos, conseguindo assim elevar a taxa de crescimento económico, bem como o desenvolvimento turístico¹⁷.

No decorrer dos anos, Portugal assistia a uma enorme expansão da indústria e um dia as viagens estariam ao alcance de todas as bolsas e todo o mundo viajava¹⁸. Segundo Licínio Cunha, Martinet, arquiteto francês, afirmava que “Portugal virá a ser um dos primeiros países do turismo”. Estas palavras na altura pouco foram levadas a sério, mas com o passar dos anos torna-se realidade, pois as viagens estão ao alcance de todos os bolsos e Portugal atinge nos anos oitenta um lugar entre os 15 maiores destinos turísticos do mundo¹⁹.

2.3 Conceito de Turismo

A definição de turismo é compreendida através da deslocação de pessoas de uma dada região para outra, num determinado período de tempo, tendo como principal objetivo a satisfação de necessidades e regressando no final ao ponto de origem. No entanto, o conceito de turismo

¹⁵ José Alberto Afonso Alexandre, O turismo em Portugal: evolução e distribuição.

¹⁶ Ribeiro, V. (1910), Influência da tradição monumental e local no desenvolvimento do turismo no país, Grande Congresso Nacional, Lisboa.

¹⁷ Costa, V. (2013), A modelização das receitas turísticas para a região norte.

¹⁸ Ataíde, J. (1912), Relatório das Atividades Desenvolvidas no período de 14 de Setembro de 1911 a Junho de 1912, Repartição de Turismo.

¹⁹ Licínio Cunha, Fluxos e Riscos nº1, Desenvolvimento do Turismo em Portugal: OS Primórdios.

continua apresentar-se como uma matéria muito duvidosa. Apesar de estar relacionado com viagens, muitas delas não são consideradas de turismo.

O conceito de turismo sofreu algumas alterações ao longo dos anos, tendo surgido a sua primeira definição em 1910, pelas palavras do economista austríaco Herman Von Schullern zu Schrattenhofen. Para o economista, o turismo, é “o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, estadia e partida de viajantes numa comuna, província ou um estado determinado e, por consequência, estão diretamente ligados entre eles”²⁰. Mas contudo, foi em 1942 que o turismo obteve uma definição mais elaborada, pelos professores Walter Hunziker e Kurt Krapf, definindo o turismo como “o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal”²¹. Como refere Lício Cunha, para alguns autores, o turismo é o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência das pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e experiências não sejam utilizados para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária. Nesta definição sobre turismo fazem-se salientar quatro componentes importantes:

- O turismo é um conjunto de relações e fenómenos que, contudo, não são explicitados;
- Exige a deslocação para fora da residência habitual;
- Não pode ser utilizado para o exercício de uma atividade remunerada;
- Engloba qualquer pessoa, seja ou não residente, e qualquer local de destino, isto é, inclui o turismo doméstico e o recetor.

O turismo é designado por, “atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadias em lugares distintos do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a 12 meses, com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado. Excluindo-se as viagens cujo motivo principal consiste na prestação de serviços a uma entidade residente no país (local) visitado, envolvendo o pagamento da respetiva remuneração (decorrente de um contrato de trabalho ou uma relação emprego/empregador). Se este trabalho e a respetiva remuneração não estão diretamente relacionados com o motivo principal da viagem, então a viagem insere-se no âmbito do turismo”²².

No entanto, o conceito de turismo recai sobre uma atividade realizada por uma pessoa que se desloca do seu local de residência por mais de 24 horas, cruzando sítios diferentes num período inferior a um ano, sendo reconhecidas três diferentes formas de turismo:

²⁰ Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição Atualizada e Aumentada.

²¹ Idem.

²² Decisão 1999/34/CE da Comissão, de 09-12-98 (in Jornal Oficial das Comunidades Europeias nº L 9, de 15-01-1999); OMT - Organização Mundial do Turismo - Recommendations on Tourism Statistics.

- Turismo Interno: “atividades desenvolvidas pelos visitantes residentes no âmbito de uma deslocação no interior do país de referencia (ou região), desde que fora do seu ambiente habitual”²³;
- Turismo Recetor: “atividades desenvolvidas pelos visitantes não residentes no âmbito de uma deslocação ao país de referencia (ou região), desde que fora do seu ambiente habitual”²⁴;
- Turismo Emissor: “atividades desenvolvidas pelos visitantes residentes e não residentes no âmbito de uma deslocação no interior do país de referencia (ou região), desde que fora do seu ambiente habitual”²⁵.

As definições de turismo são inúmeras, mas, o turismo é o principal responsável por uma grande parte da ocupação dos meios de transporte, dos hotéis, da estrutura de entretenimento e dos espaços de eventos, sendo todos estes fatores considerados como empreendimentos turísticos. O fenómeno turístico é constituído por uma combinação de atividades, serviços e indústrias, estes três elementos entram numa junção a partir do momento que se realiza uma viagem. A primeira ideia de viajar está associada ao transporte, alojamento, serviços de alimentação, lojas, espetáculos, instalações para atividades diversas e outros serviços recetores disponíveis para indivíduos ou grupos que pretendem viajar para fora da sua área residencial. Pois, o turismo é uma “indústria mundial de viagens, hotéis, transportes e todos os demais componentes”, sendo o marketing turístico considerado o principal recurso no benefício das necessidades e desejos dos viajantes²⁶.

Praticar turismo é desejar sair da vida cotidiana e ir a descoberta do desconhecido, conhecer novas pessoas de diferentes culturas, desfrutar de novas paisagens. Resumidamente, o turismo é provar o que é diferente. Assim, a melhor definição para o turismo, é entendida pelo deslocamento de pessoas que saem do seu local de residência habitual por tempos determinados não sendo motivadas por razões que tenham a ver com o trabalho.

2.3.1. Tipo de Turismo

A atividade turística como fenómeno económico é um dos sectores que mais tem evoluído no mundo contemporâneo. Esta enorme evolução turística proporciona a existência de vários tipos de turismo, possuindo cada um características próprias. No entanto, cada um dos distintos tipos de turismo é resultante das especificidades de cada região, sendo esta relacionada com o tipo de lugar ou espaço que ocupa.

²³ Idem.

²⁴ Decisão 1999/34/CE da Comissão, de 09-12-98 (in Jornal Oficial das Comunidades Europeias nº L 9, de 15-01-1999); OMT - Organização Mundial do Turismo - Recommendations on Tourism Statistics.

²⁵ Idem.

²⁶ Luiz Renato Ignarra (2003), Fundamentos do Turismo, 2º Edição Revista e Ampliada.

Os vários tipos de turismo são identificados e caracterizados pelas motivações e pelas intenções de cada viajante, podendo originar uma enorme variedade de atividades, devido à enorme distinção dos vários motivos que levam as pessoas a viajar. Muitas das pessoas realizam viagens com intenção de conhecer outros povos e outras civilizações, tais como o Tibete e a Índia. Outras viajam com o interesse de visitar grandes centros arqueológicos que marcam os testemunhos das atividades do passado histórico, como a região do Vale do Nilo e Xian e ainda há aquelas pessoas que juntam dinheiro e viajam para assistir a concertos de música. Assim, todas estas pessoas que viajam têm em comum uma razão cultural mesmo quando os motivos são diferentes, afirmando o autor, que todas as pessoas “viajam por razões culturais”²⁷.

Esta questão das viagens pode aplicar-se à saúde. Grande parte das pessoas viaja para recuperar de doenças, fazer tratamentos ou cuidar do seu corpo. O mesmo se pode concluir com as viagens que se realizam por motivos profissionais. Assim, a decisão da realização das viagens é o principal fator na caracterização dos tipos de turismo, que pode ser dependente de fatores pessoais como a idade, sexo, personalidade, nível cultural e social. No entanto, para satisfazer as suas necessidades, as pessoas deslocam-se para certos locais de forma a encontrar o que necessitam. Para melhorar o seu estado de saúde, viajam até às zonas termais e outras que têm como principal objetivo praticar desportos de inverno, deslocam-se para as montanhas. Assim, os vários tipos de turismo são qualificados pelos motivos que levam as pessoas a viajar e pelas características que cada destino apresenta²⁸.

Definição e caracterização de tipos de turismo: Turismo de Repouso, Turismo Cultural, Turismo Desportivo, Turismo de Negócios, Turismo Político, Turismo de Saúde, Turismo Étnico e Turismo de Natureza.

2.3.1.1. Turismo de Repouso

Este tipo de turismo é praticado por pessoas que têm como principal objetivo o relaxamento físico e mental, contribuindo para o benefício da saúde, com função de combater o stress do dia-a-dia. Este é procurado por viajantes que pretendem a recuperação física e mental, levando as pessoas a deslocarem-se para locais calmos, mantendo um certo contacto com a natureza, destacando-se o campo, as estâncias termais, os cruzeiros marítimos e as estadias localizadas nas montanhas.

²⁷ Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição Atualizada e Aumentada.

²⁸ Idem.

2.3.1.2. Turismo Cultural

As pessoas realizam as suas viagens com o objetivo e desejo de ver coisas novas, aumentar o conhecimento, conhecer as particularidades e os hábitos de outros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, participar em manifestações artísticas ou ainda satisfazer necessidades espirituais. Os centros culturais, os grandes museus, os grandes monumentos religiosos, os locais onde se desenvolveram no passado as grandes civilizações do mundo, os grandes centros de peregrinação e a cultura camponesa, constituem as preferências deste tipo de turistas, incluindo ainda no turismo cultural as viagens de estudo.

2.3.1.3. Turismo de Desporto

Este tipo de turismo envolve atividades ligadas ao exercício físico ou visualização de modalidades desportivas. As pessoas realizam viagens para praticar ou assistir a vários tipos de desporto, fazendo uso de hospedagem, alimentação, transporte etc.

O turismo desportivo, como objetivo de assistir a desportos, está ligado aos jogos olímpicos, aos campeonatos de futebol, a corridas de automóveis, entre outras. Já as viagens ligadas à prática de desporto são mais relacionadas com a caça, a pesca, os desportos náuticos, o ténis, etc. Este tipo de turismo apresenta nos dias de hoje cada vez mais procura, obrigando os centros turísticos a equiparem-se com meios apropriados para a prática desportiva.

2.3.1.4. Turismo de Negócio

O turismo de negócios, como o próprio nome indica, está ligado aos negócios. As pessoas são obrigadas a deslocar-se por várias razões, tanto para participar em reuniões, congressos, missões, exposições, feiras, de modo a estabelecer contactos com empresas, proporcionando movimentos turísticos de grande significado económico. As viagens para visitar grandes complexos industriais, centros de investigação científica e tecnológica ou as explorações agrícolas ou pecuárias, originam grandes movimentos turísticos.

Neste grupo também se englobam, as viagens organizadas pelas empresas para os trabalhadores, com vista a participarem em reuniões noutros locais ou países. O turismo de negócio assume um papel importante para os diferentes países e locais que são visitados, porque estas viagens de negócio são realizadas durante todo o ano e são pagas pelas empresas ou instituições. Já os outros tipos de turismo são mais praticados nas épocas de férias (balnear).

2.3.1.5. Turismo Político

Este turismo leva as pessoas a deslocarem-se para participar em acontecimentos políticos, podendo estes ser reuniões ou outro tipo de atividade relacionada com a política.

Exemplos: comemorações do duplo centenário da Revolução Francesa, funerais do imperador do Japão, coroação da Rainha de Inglaterra.

No entanto, este tipo de turismo apresenta características e efeitos idênticos ao turismo de negócios mas requer uma organização e um planeamento mais cuidado por razões de segurança.

2.3.1.6. Turismo de Saúde

Este tipo de turismo é um dos mais antigos na história da humanidade, tratando-se de uma atividade de tratamento medicinal ligado à água (doce e do mar). As primeiras viagens com a função de combater os males físicos através da utilização da água (banhos medicinais) tiveram origem nas civilizações grega, romana e árabe.

Esta atividade turística destina-se a pessoas que têm de sair do seu local de residência e viajam para outros locais por motivos de saúde. O turismo de Saúde divide-se ainda em dois tipos: Turismo de bem-estar e Turismo médico-hospitalar.

- Turismo de bem-estar: “ Constitui-se em atividades turísticas motivadas pela busca da promoção e manutenção da saúde realizada por meio de tratamentos acompanhados por equipas de profissionais de saúde especializados, que visam a diminuição dos níveis de stress, além da aprendizagem e manutenção de uma vida saudável e equilibrada e até mesmo a prevenção de determinadas doenças”²⁹.
- Turismo médico-hospitalar: “ Deslocamentos motivados pela realização de tratamento e exames diagnósticos por meio do acompanhamento de recursos humanos especializados e integrados em estruturas próprias, tendo como objetivo tanto a cura ou a amenização dos efeitos causados por diferentes patologias, como fins estéticos e terapêuticos”³⁰.

2.3.1.7. Turismo Étnico

O turismo Étnico tem como principal objetivo a valorização da cultura. As pessoas que praticam este tipo de turismo têm por finalidade observar expressões culturais, bem como os modos de

²⁹ Adriana Gomes de Moraes (2012), Turismo de saúde: dimensionamento das tipologias dos meios de hospedagens na região que compreende a fundação PIO XII.

³⁰ Adriana Gomes de Moraes (2012), Turismo de saúde: dimensionamento das tipologias dos meios de hospedagens na região que compreende a fundação PIO XII.

vida das diferentes populações. Esta atividade inclui ainda visitas às habitações dos nativos, observação dos tipos de danças e cerimónias de diferentes povos, sendo possível presenciar rituais religiosos. As pessoas viajam ainda com o objetivo de se interligarem com outros grupos de pessoas ou comunidades, que apresentam modos de vida e culturas exóticos como é o caso dos esquimós, bosquímanos, javaneses, etc.

Estes tipos de viagens têm a sua base de origem na cultura, por isso deviam pertencer ao turismo cultural. O turismo étnico ainda composto pelas viagens que as pessoas fazem para visitar amigos e parentes ou visitar os lugares de origem³¹.

2.3.1.8. Turismo de Natureza

Esta atividade turística divide-se em duas partes diferentes, uma destinada ao turismo ambiental e a outra ao turismo ecológico. O turismo ambiental diz respeito aos fenómenos da terra, do mar e do céu, enquanto que o turismo ecológico tem como princípio a deslocação de pessoas para zonas naturais sem estas poderem alterar ou danificar o meio ambiente. Assim, este tipo de turismo tem como finalidade observar e compreender a natureza e a sua história.

2.4 Conceito de Turista

O termo viajante surgiu como uma definição para identificar as pessoas que se deslocavam de uma região para outra, sendo considerados consumidores. Este tipo de expressão (viajante) dura alguns séculos, mas quando as pessoas começaram a deslocar-se por motivos de prazer, de cultura e de repouso, provocando movimentos na economia, esta expressão deixa de ter sentido e nasce a expressão de turista. A data do aparecimento do termo turista não é bem definida, mas consta-se que tenha surgido nos finais do século XVII através dos ingleses³².

No entanto, inicialmente, a palavra turismo apenas designava os viajantes que se deslocavam por simples prazer ou para se cultivar pessoalmente, excluindo as outras pessoas que viajavam por outros tipos de motivos, como profissionais, de saúde ou motivos religiosos. O passar dos anos possibilitou o aumento das viagens, tornando estas mais fáceis de se realizarem, aumentando os motivos pelos quais as pessoas viajavam, tornando difícil perceber se as pessoas se deslocavam por mero prazer ou por outras razões. Os motivos que obrigam as pessoas à sua deslocação dentro do próprio país ou para o estrangeiro são inúmeras, podendo uma viagem servir para³³:

³¹ Cunha, Licínio, (2013), Introdução ao Turismo.

³² Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição Atualizada e Aumentada.

³³ Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5ª Edição Atualizada e Aumentada.

- Melhorar o estado de saúde, recuperar a saúde e o bem-estar físico ou psicológico, fugir a perseguições, escapar a conflitos familiares;
- Alcançar melhor situação económica, como procurar trabalho;
- Cumprir missões ligadas ao exercício de uma atividade profissional ou política (participar em reuniões, praticar um desporto, desenvolver negócios, realizar concertos ou conferências, representar instituições ou organizações, realizar estudos);
- Cumprir obrigações ou deveres de carácter familiar ou social (visitar parentes e amigos, participar em comemorações ou acontecimentos de âmbito familiar ou associativo);
- Conhecer coisas diferentes e viver situações diferentes (ver como vivem os outros, escapar à rotina, evadir-se, visitar monumentos, aventura, divertir-se, praticar atividades lúdicas);
- Participar em atividades sociais, culturais ou lúdicas (estudo, diversão, realizar compras).

O viajante é o indivíduo que se desloca entre dois ou mais locais distintos, independentemente do motivo principal e da duração. Este termo (viajante) pode ser dividido em três classes diferentes: turistas, excursionistas e visitantes.

- Turistas - são as pessoas que se deslocam para um outro país permanecendo por mais de 24 horas e pernoitam pelo menos por uma noite, sendo motivados por, férias, saúde, desporto, negocio, família, reuniões, etc.;
- Excursionistas - pessoas que se deslocam a outros países mas permanecem menos de 24 horas, não pernoitando nesse mesmo país;
- Visitantes - são as pessoas que viajam para outros países por um período inferior a 12 meses, cujo motivo é outro que não exercer uma profissão.

Assim, segundo Licínio Cunha e António Abrantes existem três distintas razões que estabelecem a distinção entre os visitantes e os viajantes:

- Para que um viajante possa ser considerado como visitante, dando origem a uma atividade ou a fenómenos turísticos, a deslocação deve efetuar-se a um local ou locais fora do ambiente habitual excluindo, portanto, as viagens frequentes entre o local onde a pessoa reside e aqueles onde trabalha, estuda ou desenvolve uma atividade regular;
- A permanência no local visitado não deve ultrapassar os 12 meses consecutivos, a partir dos quais o visitante passa a ser considerado residente;
- O motivo principal da visita deve excluir todas as deslocações com o objetivo de realizar qualquer trabalho remunerado no local visitado. Embora a definição de visitante o não refira expressamente também são excluídas, como é óbvio, todas as deslocações de carácter compulsivo (refugiados, prisioneiros, nómadas).

Entretanto, uma certa percentagem das pessoas que viajam não são consideradas propriamente turistas, embora procurem os mesmos equipamentos e serviços turísticos para se hospedarem.

Um exemplo, quando uma pessoa é obrigada a sair do local de residência, por motivos de trabalho, procura hotéis e alojamentos que servem turistas.

2.4.1. Tipos de Turistas

O turista é considerado o principal protagonista no sistema turístico, ocupando um lugar central, pois sem o turista o turismo não existiria. Assim, o turista é entendido como alguém que viaja para outros locais, sem ser o de residência habitual, permanecendo por um determinado período de tempo, com o objetivo de viver um conjunto de experiências, motivado por determinadas razões ou para satisfazer um determinado tipo de necessidade³⁴.

A expressão de turista pode ser classificada de várias formas, dependendo do seu estilo de vida, da sua personalidade, das suas características fundamentais e, por fim, do motivo que o leva a viajar³⁵.

Luiz Ignarra (2003) descreve pelas palavras de Cohen e McIntosh (1979) que os turistas podem ser classificados do seguinte modo:

Classificação dos turistas segundo Cohen:

- Existenciais: são os turistas que viajam na procura da paz espiritual, quebrando a sua rotina do dia-a-dia;
- Experimentais: turistas que se lançam para uma viagem com interesse de conhecer outros modos de vida, experimentando os seus hábitos e costumes;
- Diversionários: este tipo de turistas têm como preferências viajar em grupo na procura de divertimento e repouso;
- Recreacionais: turistas que se deslocam por motivos psicológicos e mentais procurando espaços relaxantes.

Classificação dos turistas segundo McIntoch:

- Alocêntricos: turistas que realizam as viagens por motivos educacionais e culturais, de forma a praticar divertimentos caros como os jogos de azar (casinos). Estes turistas realizam as suas viagens individualmente;
- Quase alocêntricos: pessoas que se deslocam motivadas por razões desportivas, religiosas, profissionais e culturais;

³⁴ Mill, C. e Morrison, M. (1985), *The Tourism System: Na Introductory text*: Nova Jérсия.

³⁵ Cooper, C., Fletcher, J., Wanhill, S., Gilbert, D., Shepherd, R. (2001), *Turismo - princípios e práticas*, Bookman, Porto Alegre.

- **Mediocêntricos:** estes turistas viajam para tratar da saúde, quebrando a rotina do dia-a-dia com o objetivo de procurar zonas de descanso, praticar aventuras sexuais e gastronômicas;
- **Quase psicocêntricos:** pessoas de viajam na procura de status social;
- **Psicocêntricos:** turistas que viajam em busca de campanhas publicitárias.

Os turistas podem ainda ser classificados de duas distintas formas: turistas individualistas e turistas de massa. Os turistas de massa apresentam um enorme impacto e uma grande influência na indústria e no perfil do consumidor, já os turistas individualistas aparecem numa escala mais pequena contribuindo para um menor impacto na localidade recetora³⁶.

Turistas individualistas: turistas que nas suas viagens não se preocupam com os gastos de dinheiro, pois o importante é viajar para zonas reconhecidas e exóticas. Procuram restaurantes famosos e escolhem os hotéis mais luxuosos para se hospedarem e a nível de transporte tem de ser o mais confortável que existe³⁷.

Turistas de massa: estes turistas apresentam características distintas dos outros turistas, preocupam-se acima de todo com a poupança da viagem. Para a deslocação recorrem a agências de forma a praticarem uma viagem mais barata através da compra de pacotes, os destinos muitas das vezes são mais próximos, para a viagem também ser mais curta. Procura abrigar-se em lugares de custos mais reduzidos e mais conhecidos e realizam as viagens nas épocas de férias escolares (sol e praia)³⁸.

No entanto, esta distinção de turistas individualistas (mais custos) e de massa (menos custos) apresenta exceções, no caso dos turistas individualistas, um pequeno grupo de jovens pode realizar uma viagem e hospedar-se numa pousada de juventude, assim os gastos no alojamento já são mais reduzidos. No caso dos turistas de massa, que praticam as viagens com custos mais reduzidos podem também realizar viagens com gastos mais elevados, sendo o caso dos cruzeiros marítimos.

2.5 Impactos do turismo

A atividade turística é reconhecida como um fator de desenvolvimento de vários países, podendo nem sempre apoiar na melhoria da região, apresentando fatores negativos. As suas potencialidades e efeitos que gera direta ou indiretamente, tanto a nível económico e social, transformam-no numa atividade que interfere nas dinâmicas demográficas, no emprego, no património natural e cultural, no comportamento da população e ocupação, no ordenamento e

³⁶ Luiz Renato Ignarra (2003), Fundamentos do Turismo, 2º Edição Revista e Ampliada.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

funcionamento do território. Esta atividade anima o mercado dos produtos e serviços locais, viabilizando microempresas de diversos ramos, tendo também um papel significativo na conservação e gestão da diversidade das paisagens e do património edificado³⁹.

O turismo provoca uma variedade de fatores que podem trazer consequências graves ao meio político, económico, social e ambiental. É um elemento importante associado à globalização, e as suas consequências positivas e negativas, incidem sobre pessoas que não são sujeitos passivos de mudança⁴⁰.

O local, através do turismo abre-se para o mundo, permitindo promover a sua identidade cultural num mundo global, no entanto este método não está livre de consequências sobre o emprego, a estrutura de autoridade da comunidade recetora, as práticas sociais, bem como os significados das atividades tradicionais⁴¹. A atividade turística é entendida como um motor de mudança, mas o motor dessa mudança é a globalização e a exposição à mesma. Podem entanto dizer que o turismo não é o único elemento a causar impactos sociais e culturais.

Na maior parte das vezes, o turismo é interpretado como sinónimo de desenvolvimento o que não é um facto totalmente verdadeiro, pois quando se medem os impactos do turismo, as estatísticas costumam provar como esse fator não é totalmente verdade. Muitas vezes, demonstra falhas que o turismo pode provocar na economia de um país. Assim, o turismo pode apresentar contradições no seu desenvolvimento, mas para isso não acontecer é possível a introdução de mecanismos corretores, que interpretam os conflitos dos espaços sociais através do acesso e uso dos recursos, bem como pela distribuição dos seus benefícios e pelas políticas laborais. Isto significa a realização de análises que permitam a criação de modelos turísticos responsáveis, adaptados a cada contexto e com base em indicadores de carga turística⁴².

No entanto, os impactos do turismo referente a uma dada região podem ser menores se for elaborado, uma planificação antecipada para ter em conta os impactos que vai produzir, podendo esta ser dividida em três vertentes⁴³:

- O estudo dos significados socioculturais e das experiências do turismo a partir dos turistas e a sua viagem;
- O estudo relativo aos efeitos do turismo nas comunidades recetoras e turistas;
- A análise dos efeitos do turismo referente aos anfitriões, convidados e respetivos mundos, pois o turismo afeta os dois.

³⁹ Cavaco, Carminda, (1999), O Mundo Rural Português: Desafios e Futuros.

⁴⁰ Santana, A, (1997), Antropologia y Turismo. Barcelona: Ariel.

⁴¹ Chambers, E. (2000), Native Tours. The Anthropology of Travel and Tourism.

⁴² Gascón, J. e Canda, E. (2005), Viajar a Todo Tren. Turismo, Desarrollo y Sostenibilidad.

⁴³ Pérez, X. (2009), Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica.

Ainda assim, Pearce (1986) diz que o modelo a seguir no estudo da planificação dos impactos turísticos é:

1. Estudar e analisar o contexto de desenvolvimento que dizem respeito ao meio ambiente, à sociedade, à cultura e à economia;
2. Testar quantitativa e qualitativamente o desenvolvimento do turismo;
3. Realizar previsões futuras de desenvolvimento do turismo;
4. Delimitar as diferenças entre o passado e o futuro.

Para Santana (1997), os impactos causados pela atividade turística podem ser agrupados de três formas distintas:

- **Impactos económicos:** este tipo de impacto tem a ver com os custos e benefícios que resultam do desenvolvimento dos bens e serviços turísticos. Mas também se preocupa com a riqueza indireta criada, bem com as oportunidades e as desigualdades que possam vir a ser consequentes;
- **Impactos físicos e ambientais:** este campo preocupa-se com as alterações espaciais e com as transformações do meio ambiente;
- **Impactos socioculturais:** nestas áreas analisa-se as mudanças da estrutura coletiva e a forma de vida dos residentes nas áreas de destino e o modo de viver dos visitantes.

2.5.1. Impactos do Turismo na Economia

Os impactos a nível económico manifestam-se nas alterações da estrutura económica dos destinos, mais conhecidos a nível nacional e internacional e menos a nível local e regional. Este tipo de impacto que recai sobre a economia é dos mais fáceis de medir em relação aos outros impactos provocados pela atividade turística. Os principais impactos económicos positivos são verificados pela entrada de turistas, crescimento de emprego e aumento da taxa de ocupação. No entanto, o principal e o mais importante recai sobre a criação de emprego ou na indução de emprego a partir desta atividade⁴⁴.

Pelo lado negativo, o turismo pode originar quebras referentes à economia, na perspetiva, em que a riqueza gerada no local não é fixa, deslocando-se e revertendo a favor de outro local, sendo que a riqueza não se encontra nem é investida no local onde se localiza a unidade

⁴⁴ Umbelino, Jorge, (1998), Turismo em Espaço Rural: Da Utopia à Realidade.

turística. Outro ponto económico negativo recai quando os bens e serviços utilizados pela unidade são importados para outra atividade turística⁴⁵.

Porém, as características gerais dos impactos económicos são:

- Aumento dos benefícios económicos nas áreas de destino;
- Desenvolvimento de bens e serviços turísticos;
- Contributo para a balança de pagamentos.

Em termos de custo e benefícios os impactos económicos podem ser divididos em três sectores:

- **Impactos primários:** reverte a respeito da entrada de dinheiro estrangeiro;
- **Impactos secundários:** estabelece-se pelo contacto do sistema turístico com outros sectores;
- **Impactos no sector dos serviços:** este impacto diz respeito à estimulação dos investimentos na atividade turística⁴⁶.

Os impactos económicos são compreendidos da seguinte forma⁴⁷:

- Os serviços e os atrativos para os turistas;
- O volume e intensidade das despesas dos turistas no destino;
- O nível de desenvolvimento e a base económica da área de destino;
- O grau de ajustamento à época da procura turística.

Ainda assim, um dos impactos económicos mais importante diz respeito às despesas que os turistas fazem, tanto a nível de alimentação, alojamento, transporte, compras, entre outras⁴⁸.

No entanto, o impacto que o turismo provoca na economia de uma região, depende da criação de dois modelos de desenvolvimento a adaptar. O primeiro, “um modelo de economia de dependência face ao turismo”, o segundo “um modelo de economia dual”. O modelo de economia de dependência do turismo é um modelo com maior risco de instabilidade e pode ultrapassar os lucros de outros tipos de atividades tradicionais. De um modo mais objetivo, neste tipo de modelo, os habitantes das localidades podem perder o controlo sobre os seus lucros e este perder-se. O modelo de dependência turística tem como principal função o aumento dos preços, contribuindo para o aumento do consumo local. Já o segundo modelo, designado de economia dual, tem como função aumentar as receitas bem como o crescimento económico, através da união que se estabelece entre as atividades turísticas e as atividades

⁴⁵ Inskip, Edward, (1991), *Tourism Planning: an integrated and sustainable development approach*, van Nostrand Reinhold, New York.

⁴⁶ Santana, A, (1997), *Antropologia y Turismo*. Barcelona: Ariel.

⁴⁷ Figueirelo, Palomo, (1990), *Teoria Económica del Turismo*.

⁴⁸ Figueirelo, Palomo, (1990), *Teoria Económica del Turismo*.

produtivas tradicionais. Assim, todas elas praticam um crescimento equilibrado. Deste modo, este tipo de modelo pratica um comportamento de adaptação positiva para a economia local, evitando excessivas dependências no que diz respeito à atividade turística.

2.5.2 Impactos do Turismo no meio Ambiente

O meio ambiente, tanto o ambiente natural como o ambiente construído pelo homem, é essencial para o turismo. No entanto, o relacionamento entre o turismo e o meio ambiente é um pouco difícil pois, muitas vezes envolvem-se atividades que podem causar efeitos contrários ao ambiente propriamente dito. Muitos desses impactos estão ligados a construções de infra-estruturas, como por exemplo, a construção de aeroportos, rodovias, instalações turísticas, instalações sanitárias, hotéis, restaurantes, centros comerciais, áreas de lazer, etc., construções que são fundamentais para o desenvolvimento da atividade turística.

Deste modo, o turismo é uma das atividades que gera diversos impactos no meio ambiente, podendo estes ser positivos ou negativos. Os impactos negativos que o turismo origina, dependem do tipo de turismo e da capacidade de carga do destino, conduzindo à alteração da extinção da atividade agrícola e da estrutura sociocultural, à destruição da biodiversidade e à erosão do solo, devido ao aumento do número de visitantes, ao aumento da circulação de automóveis, que provocam uma maior poluição, bem como, o esgotamento de recursos básicos, como a água. Também a transformação da paisagem, com a construção de novos estilos arquitetónicos, é um dos pontos de grande impacto para o meio ambiente⁴⁹.

A atividade turística não contribui só com impactos negativos, podendo também surgir impactos positivos, no que diz respeito à conservação e proteção do ambiente, através da educação ambiental e de medidas concretas de proteção desenvolvidas⁵⁰. Desta forma, surge um caminho de consciência para valorizar o meio ambiente, podendo servir como ferramenta de financiamento à proteção das áreas naturais e aumentar a sua importância económica.

De um modo geral, as ocorrências dos impactos ambientais podem ser divididas em três áreas distintas: uma primeira parte está relacionada com os recursos naturais, a segunda diz respeito à poluição, a última parte refere-se aos impactos físicos de modo geral⁵¹.

⁴⁹ Moreira, Carlos, (1994), Planeamento e Estratégias da Investigação Social.

⁵⁰ Mathieson, Alister e Wall, Geoffrey, (1990), Tourism: Economic, Physical and Social Impact, Longman e Technical, New York.

⁵¹ Oliveira, Elton, (2008), Impactos Socioambientais, e Económicos do Turismo e suas Repercussões no Desenvolvimento Local.

2.5.2.1. Relacionados com os Recursos Naturais

A atividade turística, na maioria dos casos, exerce pressão sobre os recursos naturais, através do aumento do número de pessoas nas áreas turísticas, dando origem à escassez de recursos, provocados pela procura.

- I. A água: em particular, um dos bens essenciais mais atingido é a água. Isto porque a indústria turística nos hotéis gasta demasiado água, no enchimento de piscinas e no uso pessoal, gerando também grandes quantidades de águas residuais, tendo como consequência a saturação da rede de esgotos ou a contaminação do lençol freático.
- II. Recursos da terra: os recursos da terra contêm minerais, combustíveis fósseis, solos férteis, florestas, terras húmidas e vida selvagem. Com o aumento descontrolado de construções de apoio ao turismo, aumenta o impacto sobre esses recursos e sobre as paisagens pitorescas. O impacto direto sobre os recursos naturais é causado pelo uso de recursos que a terra possui, para a construção de instalações e outras obras de infraestrutura, como por exemplo, a utilização da matéria local. Um exemplo, são as matas quando sofrem desflorestamento para fins construtivos e a madeira é utilizada na construção. Assim, sofrem impactos negativos por parte do turismo pois, o seu desflorestamento e a utilização da madeira são muito frequentes, para fins construtivos de habitações e outras instalações, bem como a abertura de espaços livres para estradas.
- III. Outros recursos locais: como já se sabe, o turismo pode criar diferentes tipos de choque em diversos tipos de recursos locais, tal como na energia, nos alimentos e outros produtos que podem existir em quantidade suficiente para abastecer a população local. Com o aumento da extração e do transporte desses mesmos produtos, aumentam também os impactos da exploração, isto porque o turismo cria um enorme aumento de habitantes durante as estações altas, em comparação com as estações baixas, surgindo uma enorme procura dos recursos locais para atender às expectativas que os turistas na maioria das vezes procuram nos locais, comida apropriada, água quente e potável, ar condicionado, etc.

2.5.2.2. Relacionados com a Poluição

A atividade turística, em termos de poluição, é comparada com outras indústrias, nos fatores de emissões gasosa, no barulho, lixo e resíduos sólidos, aumento dos resíduos nos esgotos, de óleo, produtos químicos, bem como poluição visual e arquitetónica.

- I. Poluição do ar: o aumento do número de turistas corresponde ao crescimento do transporte aéreo, rodoviário, ferroviário, automóvel, etc. Este aumento de viagens torna o turismo responsável pelo aumento das emissões gasosas causando consequências graves na atmosfera. O fator das emissões de gases provocado pelo

transporte, também contribui para a formação de chuvas ácidas, aumento do aquecimento global, bem como outros problemas ambientais. A nível local, a poluição causada pelo dióxido de carbono ainda é mais grave por causa da alta concentração de gás em espaços mais reduzidos. Alguns desses impactos podem ser específicos das atividades turísticas, como por exemplo, em lugares muito frios ou muito quentes os motoristas dos autocarros por vezes deixam os motores a trabalhar para manter o ambiente agradável no interior do autocarro, enquanto os turistas saem para alguma excursão.

- II. Poluição sonora: as localidades turísticas, têm cada vez mais problemas com a poluição sonora devido ao aumento da circulação de carros, autocarros, aviões, motos e outros veículos utilizados na atividade turística. Este tipo de poluição, provoca irritação, stress e problemas auditivos nos seres humanos, causando ainda problemas na vida selvagem, principalmente nas áreas mais sensíveis modificando os padrões normais da atividade animal. Deve-se considerar que nas localidades mais calmas e em épocas de baixa estação o ruído produzido pelos veículos não constitui motivo de perturbação pois existe pouco movimento, já na alta estação, o movimento dos veículos aumenta e o barulho torna-se um fator de perturbação para a comunidade local, sentindo uma profunda diferença no meio ambiente. Ao contrário da população local os turistas não sentem tanto esta alteração, porque estes deslocam-se de grandes cidades e já estão acostumados ao ruído provocado pelo grande volume de veículos.

- III. Lixo e os resíduos sólidos: a alta concentração da atividade turística, como os espaços que servem de apoio à observação de atrações naturais (como morros, uma pedra saliente, um mirante, entre outro), são zonas sujeitas à deposição de resíduos e lixos, pois, o lançamento descuidado de objetos torna-se a principal causa de poluição em determinados ambientes naturais, sendo os principais sujeitos os rios, as praias, os espaços



Figura 1 - Ave morta devido a resíduos

que têm belas paisagens e as beiras das estradas. Assim, os resíduos sólidos e o lixo que são despejados no solo degradam a aparência física e visual dos espaços, da água e das praias, podendo causar a mortalidade de várias espécies animais, como aéreas, terrestres e aquáticas. As áreas montanhosas muito visitadas são um dos tipos de exemplo, em que os visitantes deixam o lixo nas rotas que fazem, tais como garrafas de água, latas de refrigerantes, papéis e sacos de plástico. Estas rotas tão populacionais começaram a ser chamadas de trilhas coca-cola, devido ao grande volume de garrafas e latas da coca-cola.

- IV. Poluição dos resíduos de esgoto: os resíduos de esgoto são cada vez mais provocados pela construção de hotéis, áreas de lazer e outras infra-estruturas. Muitos deles são despejados nos mares, rios e lagos, causando problemas na flora, na fauna e na qualidade da água, sendo mais frequente este tipo de problema na proximidade das instalações. As causas que os esgotos proporcionam através dos dejetos humanos causam graves problemas no desenvolvimento das algas e dos recifes corais. As praias que se encontram junto de grandes cidades, na maioria apresenta água de tonalidade verde, porque os resíduos dos esgotos causam a proliferação excessiva das algas. Em suma, a poluição dos esgotos provocada pela excessiva atividade turística, causa problemas de saúde tanto a nível dos seres humanos quanto na vida dos animais selvagens.
- V. Poluição estética/visual: na maior parte das vezes, as construções de apoio à atividade turística são mal projetadas tendo em referência o meio ambiente já existente, tornando a sua aparência pouco significativa. As construções arquitetónicas de maior massa são a principal preocupação, como os hotéis, os resorts e as pousadas com uma estética desapropriada para o ambiente local, causando desconforto visual quebrando a harmonia entre local e a construção.



Figura 2 – Proliferação excessiva das algas

Este tipo de fenómeno verifica-se por falta de uma disciplina na aplicação de uso do solo, que tem como função regulamentar as construções em muitos destinos turísticos, de forma a diminuir o impacto causado pela poluição estética, como acontece ao longo das costas, nas áreas naturais e ao longo das estradas. Ainda assim, a principal causa da poluição visual inclui as próprias instalações turísticas e as suas infra-estruturas de suporte, como as rodovias, os estacionamento, as áreas de serviço e as instalações sanitárias. As estruturas da publicidade aplicadas em zonas impróprias, o vandalismo provocado pelas pinturas, a pichagem de muros de pedra natural e rochas, são também um fenómeno que contribuem para a poluição estética, provocada pela atividade turística.



Figura 3 - Pichação de muro



Figura 4 – Estrutura de publicidade

2.5.2.3. Relacionados com os Impactos Físicos no Geral

Na maioria, os locais dotados de paisagens atrativas como os lagos, as praias limpas, os rios e os topos das montanhas, são áreas portadoras de ricos ecossistemas com várias espécies animal. Entretanto, a atividade turística é culpada pela degradação de muitos desses ecossistemas através do dano e ameaça de áreas mais frágeis, como as florestas, as áreas húmidas, os mangues (ecossistema costeiro de transição entre o ambiente terrestre e marinho), os recifes de corais, etc. As ameaças e pressões sobre esses ecossistemas são de um modo geral enormes, pois são atraentes tanto para os turistas como para alguns visitantes.

Os vários tipos de impactos físicos causados pela atividade turística, não são só causados pela construção de instalações e infra-estruturas, mas também pela continuidade da atividade e pelas mudanças que ocorrem no médio e longo prazo na economia e na ecologia local⁵². Assim, os impactos físicos do turismo podem ser divididos em dois tipos: do desenvolvimento turístico e das atividades turísticas.

Principais características dos impactos físicos:

- As construções e o desenvolvimento das infra-estruturas: o crescimento das instalações de uma atividade turística, como os alojamentos, os restaurantes e as áreas de lazer, podem forçar a retirada de areia das praias, dos rios e lagos, bem como a extração do solo e rochas, conduzindo à degradação da terra, à perda dos habitats da vida selvagem e à deterioração do cenário natural.

- As construções à beira dos rios, lagos e mares: este tipo de construção é a principal causa da perda do equilíbrio dos ecossistemas, pois, a extração de material para a construção como por exemplo da areia, afeta o desenvolvimento da vida selvagem existente, como é o caso da desova das tartarugas, tanto à beira das águas doces como à beira marinha.

- Pisoteamento: o pisoteamento da vegetação e do solo acontece quando os turistas ou visitantes utilizam sempre as mesmas rotas durante longos tempos, originando a perda da biodiversidade, mas este problema ainda pode ser maior quando os visitantes saem das rotas já delimitadas e caminham por zonas virgens. No entanto, o pisoteamento provocado pelos turistas pode ter vários impactos no meio natural. Na vegetação os impactos são: quebra/dano das hastes ou caules das plantas, redução da capacidade de regeneração das plantas, mau desenvolvimento da composição das espécies, perda da cobertura do solo. No solo, surgem os seguintes impactos: perda da matéria orgânica, diminuição da porosidade do solo, aumento da impermeabilidade da água e do ar para o seu interior.

⁵² Oliveira, Elton, (2008), Impactos Socioambientais, e Económicos do Turismo e suas Repercussões no Desenvolvimento Local.

- Atividade na água: muitas são as atividades turísticas desenvolvidas nas zonas de água (rios, lados, costas marinhas) que podem perturbar os ecossistemas mais frágeis. Os ecossistemas aquáticos correm perigo na medida que os turistas praticam mergulhos e pesca desportiva entre outros desportos nos seus habitats naturais, causando impactos nas áreas costeiras e na pesca comercial.

- Alteração de ecossistemas causada pela atividade turística: muitas vezes as práticas turísticas perturbam o bem-estar dos animais selvagens, quando se aproximam demais dos animais deixando estes perturbados e stressados devido à presença do homem, tendo como consequência a alteração do comportamento natural dos seres vivos. Um exemplo é a atividade do safari fotográfico, em que os visitantes procuram a melhor fotografia sobre o animal e para isso tendem a deslocar-se na sua direção acompanhados de barulhos e alguma agitação, provocando medo ou desconfiança nos animais selvagens. Com isto, muitos deles abandonam as suas crias e deixam de chocar os ovos.

Estes fatores como a poluição sonora, o lixo, os resíduos sólidos, a perda da biodiversidade, a fuga da fauna, são motivos preocupantes para a atividade turística. Porém, algumas medidas têm vindo a ser tomadas para tentar diminuir os efeitos provocados pela atividade turística. Uma das ideias foi criar um programa de desenvolvimento turístico ambientalmente sustentável, mas, no entanto, esta iniciativa não originou muitos resultados. Ainda assim, muitos autores continuam a pensar em soluções para minimizar os impactos negativos e aperfeiçoar os efeitos positivos de forma a diminuir os impactos sobre o meio ambiente⁵³.

2.5.3. Impactos do Turismo na Cultura

Quando se fala em impactos culturais provocados pela atividade turística, basicamente diz respeito à cultura das comunidades recetoras. As comunidades recetoras, na maior parte das vezes, sentem uma elevada pressão por parte dos turistas, pois estes procuram no local, o valor cultural, os recursos naturais e as suas tradições. Assim, preservar a herança cultural, manter os valores tradicionais e proporcionar experiências autênticas sempre foram requisitos importantes para o turismo.

Os impactos culturais surgem normalmente da relação entre o turista e a comunidade local. No entanto, lidar com os turistas pode tornar-se uma tarefa repetitiva e monótona, principalmente quando o seu número é enorme. O grande número de pessoas num dado local leva a comunidade recetora a classificar os visitantes todos como turistas, mesmo que não o sejam. A comunidade

⁵³ Fernando, Kerder, Franciele Silva (2012), Geografia e Ecoturismo - UFSM. Impactos Ambientais do Turismo.

local interpreta os seus turistas, como um fator de economia, de desenvolvimento, passando a encará-los apenas como objetos de curiosidade.

A preservação da cultura local continua a ser um dos problemas para alguns autores. Alguns propõem mesmo a criação de locais para ensinar modelos da cultura existentes na região. Estes tipos de local seria uma espécie de museu, onde as crianças da comunidade e os turistas podiam aprender e estudar a história da cultura de uma forma lúdica. Apesar de só fazer a reconstrução dos estilos de vida que se quer observar, o modelo de cultura oferecia uma vista etnográfica mais precisa que a refletida na cultura nativa moderna, permitindo aos visitantes a liberdade de observar e fotografar à vontade sem invadir a privacidade dos habitantes locais.

2.5.4. Impactos do Turismo na Sociedade

Os impactos sociais referem-se às mudanças do comportamento e do relacionamento entre as pessoas do local, com os visitantes que vêm de outros países ou regiões. Este impacto, de sociedades diferentes ocorre muito lentamente, sendo um dos mais complicados de medir, pois os problemas surgem das diferenças económicas, religiosas e culturais que se dão entre a comunidade local e os visitantes.

Os problemas sociais relativos ao turismo na maioria das vezes e tornando-se hoje em dia mais frequentes, são questões como o alcoolismo, prostituição e crimes. Este tipo de fenómeno tem aumentado cada vez mais, acompanhando o crescimento da atividade turística.

Principais impactos sociais causados pela atividade turística:

- Grande descontrolo no crescimento das cidades;
- Aumento da prostituição adulta e infantil;
- Aumento das doenças sexualmente transmissíveis;
- Aparecimento de outras doenças devido à falta de infra-estruturas de apoio, como saneamento básico, armazenamento de lixo urbano;
- Maior consumo de drogas e álcool.

Segundo Cooper (2001), os impactos sociais procedentes do turismo são: sexo, crime, saúde, realojamento da população local.

-SEXO: já não é um fenómeno novo, que, muitos turistas viajam para desfrutar de encontros sexuais. Este mercado de turismo sexual tem crescido em países como a Tailândia, Gambia, em alguns países da europa central e Brasil.

- CRIME: muitos autores que estudam a atividade turística descrevem que o aumento do turismo está associado ao crescimento do crime. Mesmo assim, este tipo de questão pode não ser verdadeira, porque o aumento da criminalidade pode estar ligado ao aumento da densidade populacional de algumas regiões. No entanto, as notícias dos crimes que ocorrem contra os turistas, surgem cada vez mais nos jornais, isto porque são um alvo fácil e na maioria são portadores de dinheiro e de equipamentos eletrônicos (câmara de filmar, máquina fotográfica, telemóvel entre outros).

-REALOJAR A POPULAÇÃO LOCAL: muitos habitantes são expulsos das suas habitações tradicionais por causa do turismo. Os habitantes mais afetados com este tipo de problema são os dos países em desenvolvimento, porque o turismo instala-se nas proximidades das zonas litorais e obriga os habitantes a saírem das suas habitações (expulsão) ou à venda das suas terras e casas, sendo transferidos para uma zona mais pobre e mais distante da costa.

Capítulo 3 - Turismo rural

3.1 Conceito de Turismo Rural

Este capítulo tem como principal objetivo fazer uma abordagem à temática do turismo em áreas rurais ou turismo rural.

O meio rural apresenta um conjunto de possibilidades e estratégias alternativas, que o diferenciam do turismo litoral e de algumas cidades. É fundamental perceber que o turismo rural é uma forma particular de desenvolver o turismo em áreas rurais, passando a representar um setor de mercado. Este tipo de turismo funciona como uma escapatória para os turistas saírem do seu meio quotidiano, procurando o repouso, jogos, descobertas de coisas diferentes, podendo ficar geograficamente perto ou longe. O turismo rural traduz-se numa procura de uma excitação controlada, isto é, a busca de emoções intensas transmitidas por pessoas de outras sociedades que apresentam hábitos diferentes.

No entanto, o turismo rural pode ter sido inventado pelo próprio mercado ou por algum poder dominante de forma a redefinir os espaços rurais, deixando o cultivo agrícola de lado, passando a ter zonas rurais mais urbanizadas. Assim, o turismo urbano reconquista o turismo rural, formando um mercado global. Além disso, o local rural converte-se em produto e em mercadoria, que circula em espaços globais oferecendo um pacote emocional de tradição, autenticidade e naturalidade, pois, todos estes valores não existem nos meios urbanos. Assim, este tipo de atividade turística faz parte dos fatores responsáveis do desenvolvimento de locais rurais, recriando um novo mundo rural com tradições perdidas pela modernização.

Numa definição mais vasta, o turismo rural é composto por uma série de atividades destinadas a promover o contacto direto com o campo e a natureza, bem como promover os costumes e preservar o património histórico de cada região. Sendo, também responsável por uma percentagem de rendimento para a região local.

3.2. Tipos de turismo rural

Apesar de ser difícil definir concretamente turismo rural, bem como turismo em espaço rural, este é um tipo de atividade que ocupa o espaço local, na forma de proporcionar oferta e procura, por parte de alojamentos e das suas potencialidades de desenvolvimento. Por isso, os vários tipos de atividade relacionados ao turismo rural são: Ecoturismo, Turismo de Natureza, Turismo Cultural e Paisagístico, Agroturismo e Turismo em Espaço Rural⁵⁴.

⁵⁴ Pereiro, Xerardo, (2007), Antropoloxia e Modelos de Relación entre o Rural e o Urbano.

3.2.1. Ecoturismo

O ecoturismo é a deslocação de turistas para áreas naturais favorecendo a conservação do ambiente e melhorando o bem-estar das comunidades locais. Assim, esta atividade tem como principal objetivo, observar a natureza, conservar o património natural, apoiar o desenvolvimento da população local e minimizar os impactos negativos referentes ao ambiente natural e sociocultural. Logo, os melhores locais para praticar ecoturismo são as florestas tropicais e as áreas protegidas, envolvendo⁵⁵:

- I. Grandes viagens na descoberta e aprendizagem de ambientes selvagens e naturais;
- II. Deslocações para locais primitivos em ambientes naturais intactos ou afastados do contacto humano;
- III. Viagens de aventura para locais mais inabitáveis do ponto de vista ambiental e natural.

Este tipo de atividade desenvolve-se principalmente nos países situados no hemisfério sul, devido à existência de uma grande diversidade biológica, uma enorme preservação da natureza, pela presença de parques naturais e reservas naturais. Também é nestes locais que se instalam grandes comunidades que mantêm os estilos e as atividades tradicionais. No entanto, este tipo de turismo não abrange só esta área geográfica, também é desenvolvida na Europa, nas áreas mais protegidas⁵⁶.



Figura 5 - Observação da Paisagem (Ecoturismo)

3.2.2. Turismo de Natureza

O turismo de Natureza, é um produto turístico composto por estabelecimentos, atividades e serviços de alojamento e animação turística e ambiental, realizados e prestados em zonas

⁵⁵ Burnay, M. J. (2000). As áreas protegidas - para uma utilização sustentada como destino de qualidade.

⁵⁶ Idem.

integradas na rede nacional de áreas protegidas. Este tipo de atividade ainda se desenvolve segundo diversas modalidades, de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação ambiental, que permitam contemplar e desfrutar do património natural, da arquitetura, da paisagem e da cultura⁵⁷.

Esta atividade turística é dividida em duas diferentes modalidades: a primeira diz respeito aos indivíduos que têm como iniciativa a interação com a natureza, através de passeios, excursões, percursos pedestres, entre outras atividades de baixa intensidade. A segunda modalidade destina-se a turistas que procuram a natureza para práticas desportivas de mais ação e adrenalina. Assim, os desportos que se podem praticar no turismo de natureza são: o rafting, kayaking, hiking, climbing, etc.



Figura 6 - Rafting



Figura 7 - Hiking



Figura 8 - Climbing



Figura 9 - Kayaking

O turismo de natureza desenvolve-se em áreas protegidas, como já foi citado mais acima, criadas para que uma dada região lute pela preservação da natureza e dos seus valores naturais e culturais, de forma a contribuir no desenvolvimento socioeconómico da região. No entanto, o território português é ocupado por cerca de 7.4% de áreas protegidas, podendo estas áreas ser divididas em quatro tipos: montanha, planície, zonas húmidas e litoral. As áreas protegidas são compostas por características únicas, não só em termos naturais, como também, a nível cultural⁵⁸.

⁵⁷ Decreto-Lei nº 56/2002 de 11 de Março de 2002

⁵⁸ Burnay, M. J. (2000). As áreas protegidas - para uma utilização sustentada como destino de qualidade.

3.2.3. Turismo Cultural e Paisagístico

Este tipo de turismo, designado também de touring cultural, em que a palavra tour, de origem hebraica, significa viagem de descoberta, é um tipo de atividade turística, que tem como principal interesse e motivação, a descoberta e a exploração das regiões, através de rotas e circuitos, apresentando diferente duração e extensão.

Em Portugal este touring cultural e paisagístico divide-se em dois mercados diferentes: um designado de Genérico, que tem a ver com rotas e circuitos de um aspeto mais genérico e abrangente. Já o outro tipo de mercado designado de Temático, tem a ver com rotas e circuitos mais focados num tema específico, levando os turistas a experiências mais centradas para um objetivo. A rota dos castelos medievais serve de exemplo para este tipo de circuitos.



Figura 10 - Rota do Pica-Chouriços

3.2.4. Agroturismo

O agroturismo é uma atividade turística que se desenvolve no meio rural. Os turistas têm como objetivo aprender práticas desenvolvidas na atividade agrícola, bem como o modo de vida local. Apesar de estes ficarem a conhecer a atividade agrícola, ainda podem participar no desenvolvimento das várias atividades, como é o caso das vindimas, na confeção de pão, fazer enchidos e queijos à moda de cada região. No entanto há uma modalidade mais recente designado de enoturismo (turismo do Vinho) quase igual ao agroturismo, mas está relacionada só com a produção e desenvolvimento de vinhas e vinho.

3.2.5. Turismo em Espaço Rural

O turismo em espaço rural é uma modalidade que tem como principal objetivo dar a conhecer aos turistas a oportunidade de reviver práticas, valores e tradições culturais e gastronómicas das sociedades rurais, beneficiando da sua hospedagem e de um acolhimento personalizado.

3.3 O turismo em Espaço Rural

O turismo em espaço rural apresenta características próprias, tendo pouco em comum com as modalidades convencionais do turismo. Em Portugal, existem duas grandes associações que trabalham no desenvolvimento e impulsionamento do turismo em espaço rural. A associação TURIHAB (Associação de turismo de habitação) nasceu em 1983 e tem como objetivo melhorar as condições do interior do país, preservar a cultura e as tradições e transmitir a nossa história por todo o mundo. Esta associação deu a conhecer os solares de Portugal e possui aliança de cooperação com diversas associações a nível nacional e internacional. A segunda associação chamada de Privetur (Associação Portuguesa de Turismo no Espaço Rural) nasceu em 1988 e tem como função apoiar e divulgar o turismo em espaço rural (Ter). Os seus principais objetivos são: “o desenvolvimento turístico sustentado na sua área de intervenção, a promoção do turismo rural como forma alternativa de lazer, a informação e apoio aos turistas, a promoção da qualidade e capacidade técnica das unidades de TER, incluindo a formação profissional”⁵⁹.

As duas associações tiveram um papel importante no desenvolvimento das zonas rurais, mas o Estado Português também contribuiu na ajuda destes espaços, através da criação de legislação e mecanismos de forma a apoiar os estabelecimentos e empreendimentos turísticos no espaço rural. Assim, o turismo em espaço rural é visto como um contributo para as economias rurais, proporcionando a criação de emprego, construção de infra estruturas de utilidade pública, bem como a reabilitação do património natural, arquitetónico e cultural.

Em Portugal a Direção Geral de Turismo define o Turismo em Espaço Rural (TER), como “um conjunto de atividades e serviços realizados e prestados mediante remuneração em zonas rurais, segundo diversas modalidades de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação e diversão turística, tendo em vista a oferta de um produto turístico completo e diversificado no espaço rural”. Assim, as zonas rurais são áreas com ligação à tradição e à agricultura, ao ambiente e paisagem de carácter rural. Os empreendimentos turísticos utilizados nas zonas rurais podem ser classificados⁶⁰:

⁵⁹ Margarida Alexandra da Silva Fernandes (2008), Deleite e fidelização do consumidor no turismo em espaço rural.

⁶⁰ Decreto-Lei n.º 54/2002 de 11 de Março

- Turismo de Habitação: “São serviços de hospedagem de natureza familiar prestados a turistas em casas antigas particulares que, pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico, sejam representativos de uma determinada época, nomeadamente os solares e as casas apalaçadas”;
- Turismo Rural: “Serviço de hospedagem de natureza familiar prestado a turistas em casas rústicas particulares que, pela sua traça, materiais construtivos e demais características, se integram na arquitetura típica regional”;
- Turismo de Aldeia: “Serviço de hospedagem prestado num conjunto de, no mínimo, cinco casas particulares situadas numa aldeia e exploradas de forma integrada, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria dos seus proprietários, possuidores ou legítimos detentores. As casas afetas ao turismo de aldeia devem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, integrar-se na arquitetura típica do local”;
- Agroturismo: “Serviços de hospedagem de natureza familiar prestado em casas particulares integradas em explorações agrícolas que permitem aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável”;
- Casas de Campo: “São casas de particulares em zonas rurais que prestam um serviço de hospedagem, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria dos seus proprietários, possuidores ou legítimos detentores. As casas de campo devem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, integrar-se na arquitetura e ambiente rústico próprio da zona e local onde se situem”;
- Hotéis Rurais: “Estabelecimentos hoteleiros situados em zonas rurais e fora das sedes de concelho cuja população, de acordo com o último censo realizado, seja superior a 20 000 habitantes, destinados a proporcionar, mediante remuneração, serviços de alojamento e outros serviços acessórios ou de apoio, com fornecimento de refeições. Os hotéis rurais devem, pela sua traça arquitetónica, materiais de construção, equipamentos e mobiliário, respeitar as características dominantes da região em que se situam”;
- Parques de Campismo Rurais: “Terrenos destinados permanentemente ou temporariamente à instalação de acampamentos, integrados ou não em explorações agrícolas, cuja área não seja superior a 5 000m²”.

Em Portugal, o fenómeno TER é designado como um conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, prestados em alojamentos de carácter familiar em zonas rurais. Estas zonas rurais são vistas pela sociedade contemporânea como um espaço que salvaguarda a qualidade ambiental e as memórias de uma tradição, mas têm vindo a ser

destruída com a evolução da tecnologia⁶¹. Ainda assim, os visitantes procuram nas zonas rurais a verdade que pensam ter perdido nas zonas urbanas, o que dá origem a experimentarem estilos de vida diferentes do próprio e experiências mais espirituais⁶².

Por outro lado, e falando em termos económicos, o espaço rural deixa de ser um local puramente de produção agrária, passando a ser visto como um espaço de consumo. Assim, o espaço rural deixa de ser rural e passa assumir um papel de paisagem, ruralidade, tranquilidade, descanso, de modo a contribuir na melhoria socioeconómica. “O agro e o agrário passaram a ser rural e campo e o turismo rural pode ser pensado como um produto e uma nova forma de consumo. Deste modo, o turismo rural pode ser entendido como um fator de mudança sobre as sociedades agrárias e industriais para sociedades pós industriais”⁶³.

O turismo rural como produto de consumo continuou a adotar as formas sociais de cada época e a desenvolver o seu papel de produtor, não sendo só entendido como produto, apresentando um papel importante no desenvolvimento da região. Neste ponto de vista, o turismo rural é um fator de desenvolvimento que se complementa com outras atividades e deve ser entendido numa perspetiva absoluta e participativa se quer realmente contribuir para o desenvolvimento rural. Assim, os principais fatores que contribuem para o desenvolvimento turístico nas áreas rurais são:

- Maior número de dias de férias;
- Aumento do interesse pelo património e pela tradição local;
- Evolução tecnológica dos transportes e das comunicações;
- Educação e formação;
- Gosto por férias saudáveis e relaxantes;
- Maior procura por este tipo de turismo por pessoas mais velhas;
- Gosto por viagens de aventura e de descobrimento;
- Maior interesse pela ecologia.

Assim, pretende-se que estes fatores contribuam para o aumento da economia local, aumento da competitividade do sector turístico através da construção de equipamentos e infraestruturas de apoio aos turistas bem como para a população local. No entanto, a maior parte das atividades turísticas têm um menor desenvolvimento devido à falta de transportes e má acessibilidade, originando viagens longas e desconfortáveis.

⁶¹ Figueiredo, E. (2003), Um rural para viver, outro para visitar - o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais.

⁶² Cohen, E. (1979), The Impacto of Tourism on the hill tribes of northern Tailand.

⁶³ Xerardo Pereiro Pérez (2009), Turismo Cultural - Uma visão antropológica, Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.

3.4 A Procura do Turismo em Espaço Rural

Nos últimos anos, tem-se assistido a um enorme aproveitamento de propriedades, a fim de serem transformados em alojamentos turísticos, nos espaços rurais. Segundo alguns autores, o fenómeno TER é compreendido como o conjunto de modalidades de hospedagem em zonas rurais, orientadas nas explorações segundo os seus recursos naturais e culturais. Assim, o TER engloba um conjunto de serviços de hospedagem que se repartem por solares, casas apalaçadas, quintas (que exercem atividades agrícolas), casas rústicas, hotéis rurais e parques de campismo rurais.

Em Portugal, o termo TER apareceu em 1978 na prática do turismo de habitação distribuído por quatro diferentes zonas: Ponte de Lima, Vouzela, Castelo de Vide e Vila Viçosa, mas, agora é alargado a todo o território nacional. O fenómeno TER tem assumido uma posição cada vez mais importante no país. Os cálculos estatísticos desta atividade começam a surgir em 1984 com a existência de 103 unidades de turismo inscritos na DGT e em 2003 o número de estabelecimentos excede os 936, apresentando um crescimento de 12.3%. Estas unidades turísticas em espaço rural distribuem-se de uma forma irregular por todo o território Português, apresentando um maior número na região do Norte. De 1986 a 2003 as estatísticas referentes às dormidas apresentam um crescimento anual de 14.9% e em 2003 a atividade turística regista 457 mil dormidas, das quais 205 mil são efetuadas por portugueses.

A procura do turismo em espaço rural pode ser dividida em dois tipos: procura interna e procura internacional.

- Procura interna divide-se em alojamento comercial (hotéis, pensões, parques de campismo) e alojamento privado (casas de familiares, casas de amigos, residência secundária, aluguer de vivendas).
- Procura internacional é realizada por turistas não residentes no país e estes procuram alojamento comercial ou privado.

As principais características associadas à procura de turismo em espaço rural, são:

- O retorno às suas origens;
- Pessoas que possuem laços familiares nas zonas rurais ou simplesmente procuram tranquilidade;
- A maioria dos turistas pertence a classes médias e altas;
- Os adultos procuram no campo o descanso fazer caminhadas, encontros com os amigos e familiares;
- Os jovens buscam nas zonas rurais o exercício físico e o desporto;
- O agrado de ir para zonas rurais é grande e os turistas repetem os mesmos destinos;
- Os turistas preocupam-se com a natureza e as culturas, olhando-as como um elemento que se encontra em extinção.

Os turistas que praticam turismo rural no território Português procuram a paz e a tranquilidade, apreciam a paisagem e a natureza, a saúde e o ar fresco, o isolamento e a pouca gente, a autenticidade, conhecer as tradições, a hospitalidade e fazer caminhadas. No entanto, o turismo Português não é visto só pela positiva, apontando criticamente o excesso de barulho, a densidade de trânsito, o mau estado das ruas, a má condução dos condutores, a sinalética, as infraestruturas inadequadas, má estruturação das acessibilidades, a existência de insetos e a falta de atividade de entretenimento⁶⁴.

Nos quadros abaixo, podemos verificar que a maior parte dos turistas que procuram turismo em espaço rural são jovens com idades compreendidas entre os 31 e 45 anos, que exercem profissões intelectuais e científicas, pertencendo à classe média e apresentam motivos fundamentais para saírem das suas rotinas, na procura de algo diferente⁶⁵.

Escalões etários dos hóspedes:

Idades	Número relativo
Até aos 30 anos	33.2%
De 31 a 45 anos	40.5%
De 46 a 60 anos	20.7%
Mais de 60 anos	5.5%

Profissões dos hóspedes:

Categoria profissional	Número relativo
Profissões intelectuais e científicas	56.3%
Diretores e quadros dirigentes	12.3%
Pessoal administrativo	7.7%
Pessoal do comércio e vendedores	6.7%
Pessoal de serviços e similares	4.3%
Trabalhadores da produção	3.0%
Inativos	9.7%

Assim, a procura do TER deriva de fatores de ordem social e psicológica, intimamente associadas às necessidades real ou imaginária de um indivíduo, na procura de quebrar a rotina ou escapar da vida quotidiana, em busca de algo que não existe no local onde habitualmente vive e trabalha. Os turistas vêm o turismo em espaço rural, como uma forma de escapar de

⁶⁴ kastenholz, Elisabeth (2000), Reinventar o Turismo Rural - cocriação de experiencias turísticas sustentáveis.

⁶⁵ Silva, Luís, (2007), A Procura do Turismo em Espaço Rural.

algo, adquirido pela distância temporária das pressões do dia-a-dia num ambiente de descanso, relaxamento, tranquilidade e contacto com a natureza num ambiente rural⁶⁶.

3.5 A oferta do Turismo em Espaço Rural

A oferta turística é o principal elemento na satisfação dos turistas, que se movimentam por necessidades psicológicas, físicas e culturais. Desta forma, as férias tornam-se o elemento base do deslocamento de pessoas para destinos de atração. Qualquer destino turístico só se pode desenvolver com a existência de infra-estruturas, equipamentos e serviços que se complementam e integram uma oferta turística identificável. Assim, o termo de oferta turística é representado por todos os elementos que o local de destino tem para oferecer aos visitantes, podendo estes ser bens e serviços com uma certa atração, de forma a demonstrarem preferência nas escolhas dos turistas⁶⁷. De um modo geral, a oferta turística liga os fatores de atração aos meios existentes, na procura de ocupação dos tempos livres dos turistas, de forma a satisfazer os mesmos⁶⁸.

Quando uma pessoa, por obrigação ou não, decide sair do seu ambiente local e viaja em direção a um outro local, a oferta intercede colocando e promovendo através de agentes diretos ou indiretos os seis recursos, produtos e serviços, que permitirão a eleição de um local. Desta forma, a oferta é consumida desde a partida do turista até à chegada ao seu destino e durante o tempo de estadia num dado local.

A oferta turística é composta por determinados campos, sendo estes: os recursos, os produtos, os serviços e os destinos.

3.5.1. Os Recursos Turísticos na Oferta

Quando se fala em recursos turísticos, é entendido como o principal apoio para o desenvolvimento da atividade turística. Segundo o Plano Nacional de Turismo, recurso turístico é “todo o elemento natural, atividade humana ou seu produto, capaz de motivar a deslocação de pessoas ou de ocupar os seus tempos livres”.

O autor, Celestino Domingues (1997), define os recursos turísticos da seguinte forma: “todo o tipo de atrativo, natural ao artificial, que exerce um apelo suficientemente forte para promover a deslocação de pessoas com o objetivo de ser apreciado, visitado, utilizado ou simplesmente fruído”.

⁶⁶ Silva, Luís, (2007), A Procura do Turismo em Espaço Rural.

⁶⁷ Esteves, Elsa, (2002), Oferta e Procura do Sector Turístico no Distrito de Bragança.

⁶⁸ Silva, José, (1997), Evolução da Oferta nos últimos anos e perspetivas para o séc. XXI.

Estes tipos de recursos são agrupados de formas distintas, como: Naturais, Históricos e Culturais.

- Recursos Naturais: elementos relacionados com a água (mar, rios, lagos, etc.) com a terra (paisagens, montanhas, etc.) e com os ecossistemas.
- Recursos Históricos: dizem respeito a todos os elementos ou vestígios históricos e património cultural (igrejas, pontes, museus, etc.).
- Recursos Culturais: os recursos culturais identificam-se pela vivência e manifestação de um povo (formas de vida, tradições, festas, gastronomia, etc.).

O conhecimento e a avaliação dos recursos turísticos de uma região são fundamentais para determinar o seu potencial turístico e planificar o seu desenvolvimento. O estado de conservação e a atratividade dos recursos, bem como a sua localização e facilidade de acesso aos mesmos, determinam a sua possibilidade de exploração e a sua capacidade de atrair um determinado tipo de visitantes.

Os recursos financeiros também são um dos bens essenciais no desenvolvimento de uma atividade turística na oferta, pois muitas das vezes este tipo de recurso torna-se escasso impossibilitando a finalização das infra-estruturas e das construções de serviços que apoiam o turismo.

3.5.2. OS Serviços Turísticos na Oferta

O turismo, é uma atividade que possui diversos serviços de apoio aos visitantes, podendo ser consumido no próprio local ou desde a partida até à chegada ao local propriamente dito.

Características fundamentais na determinação dos serviços turísticos⁶⁹:

- Métodos de produção e consumo: o serviço turístico quando é produzido deve ser consumido. Os serviços são, na sua grande maioria, consumidos no local de produção, como por exemplo o transporte aéreo, a estadia num hotel, a refeição num restaurante, a visita a um museu de arte;
- Natureza intangível dos produtos: ao adquirir um bem de primeira necessidade, por exemplo, este pode ser visto, tocado, cheirado e até provado, para sua avaliação. Nos serviços turísticos tal não é possível, pois a experimentação do produto exige um compromisso de compra para testá-lo. Assim, nos serviços turísticos, testar implica consumir obrigatoriamente;
- Percibilidade: na atividade turística, o produto é feito para consumo dos turistas, mas nem todos os produtos são consumidos. Assim, o prejuízo é total e irrecuperável, como por exemplo, um quarto de hotel, um lugar no avião ou no restaurante não ocupados,

⁶⁹ Chaskelmann, Jorge, (1996), Marketing Turístico. As Condicionantes Estratégicas.

não dão qualquer rentabilidade. Neste tipo de casos, os produtos não têm segundas oportunidades, pois se não são consumidos na hora não podem ser armazenados para mais tarde, como os produtos manufacturados;

- Canais de distribuição: nesta atividade, os produtos não podem ser distribuídos e os consumidores, para usufruírem do produto, têm de ir ao encontro dele e para isso acontecer existem intermediários responsáveis que trabalham na deslocação entre o consumidor e o local de consumo;
- Dependência personalizada: nos serviços turísticos, a personalidade do responsável do negócio é fundamental, para garantir o sucesso do mesmo.

A atividade turística trabalha segundo a oferta de produtos turísticos e também oferece serviços associados a esses mesmos produtos através de agentes intervenientes diretos ou indiretos, que são usufruídos por parte do consumidor desde o local de origem ao local de destino⁷⁰.

3.5.3. Os Produtos Turísticos na Oferta

O produto turístico é visto como uma combinação de elementos tangíveis e intangíveis que oferecem uns benefícios ao cliente como resposta a determinadas expectativas e motivações⁷¹.

Para além disso, o produto turístico é composto por determinados serviços ou conjuntos de atrativos (empreendimentos) situados numa região ou país de modo a servir o visitante⁷². No entanto, este produto turístico pode ser interpretado segundo três tipologias, tais como: primários/básicos, secundários/instalações e terciários/complementares⁷³.

- Produtos Primários/Básicos: este tipo de produto é resultante da ação da natureza, através dos seus recursos naturais, bem como da ação do homem quer dos recursos culturais quer dos recursos históricos. A oferta primária é constituída pelo clima, pela paisagem, pelo património histórico e cultural, tradições, artesanato, etc., e todos estes elementos vão dar seguimento para o produto secundário;
- Produtos Secundário/Instalações: o objetivo do produto secundário visa satisfazer as necessidades dos turistas por meio de alojamento, alimentação e distração. Assim, as unidades de alojamento, as agências de viagens e os complexos de animação são exemplos de produtos secundários;
- Produtos Terciários/Complementares: por fim, o último produto destina-se à população em geral, mas em particular à população residente e constituem um elemento

⁷⁰ Esteves, Elsa, (2002), *Oferta e Procura do Sector Turístico no Distrito de Bragança*.

⁷¹ Marchín, Carmer, (1997), *Marketing y Turismo - Gestión Turística*.

⁷² Domingues, Celestino, (1997), *Prontuário Turístico*, Instituto Nacional de Formação Turística.

⁷³ Costa, J. (2001), *Tendências Internacionais em Turismo*.

suplementar do produto turístico, como por exemplo: os museus, teatros, espetáculos culturais e desportivos.

Assim, o produto turístico é formado por recursos e serviços disponíveis num destino turístico, de forma a permitirem o seguimento de um mercado económico, originando movimentos nos transportes, nos alojamentos, na alimentação e animação.

3.5.4. Os Destinos Turísticos na Oferta

Na atividade turística, os destinos turísticos são espaços geográficos e sócio económicos que partilham uma oferta turística a partir de uma estratégia, de modo a desenvolver e promover a oferta dos vários produtos de uma forma integrada⁷⁴.

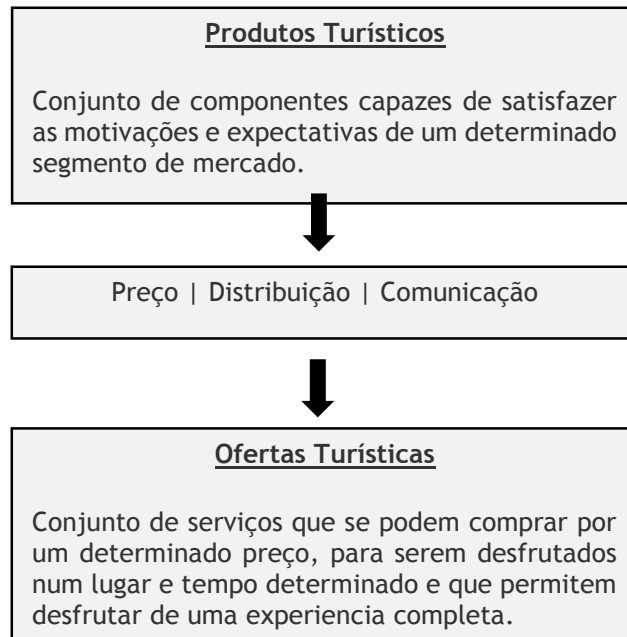
Um destino turístico para apresentar uma maior oferta tem de conseguir interligar os fatores de atração aos meios de ocupação dos tempos livres, de forma a satisfazer as necessidades que os turistas fazem para além das deslocações, pois o destino turístico tem que ser chamativo aos olhos dos turistas, podendo estes voltar mais que uma vez⁷⁵. No entanto, o destino turístico possui uma combinação de recursos, serviços e equipamentos que dão origem ao produto final, sendo comercializado através de técnicas de marketing. O produto dos destinos turísticos deve ser produzido de uma forma lógica, através dos recursos existentes para atrair e satisfazer as necessidades dos visitantes.

O esquema seguinte analisa e explica o programa da oferta turística:



⁷⁴ Portela, António, (1998), Melhoria da Qualidade nos Destinos Turísticos.

⁷⁵ Silva, José, (1997), Evolução da oferta nos últimos anos e perspetivas para o séc. XXI.



3.6 O Turismo em Espaço Rural / Desenvolvimento Local

De um modo geral, o turismo praticado em espaço rural produz benefícios e impactos positivos nas áreas rurais, quando este é desenvolvido de uma forma equilibrada e sustentável. Muitos dos benefícios criados pelo turismo são interpretados de diferentes maneiras, tais como económicos, sociais, culturais e ambientais. No entanto, e como acontece nas outras atividades turísticas, o turismo não trás só benefícios positivos, proporcionando efeitos negativos que podem ser melhorados mediante a aplicação de estratégias na gestão do produto TER. A criação de uma atividade turística num dado local deve ser estudada por agentes e decisores de forma a maximizar as suas vantagens, para que se traduza num motor de desenvolvimento local.

Assim, a relação entre turismo e desenvolvimento local passa por uma série de estudos, na qual se identificam os benefícios, bem como os seus prejuízos que o turismo pode proporcionar num dado local, ao iniciar uma exploração turística em espaço rural.

3.6.1. Efeitos Positivos e Negativos do Turismo em Espaço Rural

Como já foi referido o turismo pode contribuir de várias formas para o desenvolvimento das economias, da sociedade e no apoio da conservação de recursos e estes fatores de desenvolvimento podem também acontecer no turismo em espaço rural.

Neste sentido, o contributo do turismo em espaço rural sobre o desenvolvimento local são:

- **Retenção de emprego:** nas áreas rurais, como se sabe, o emprego é escasso e é visto com um problema a resolver. A solução pode ser obtida através do desenvolvimento turístico, apoiando a retenção do emprego e dos serviços, como o comércio, transportes, alojamentos e serviços turísticos. Este tipo de turismo pode também apoiar explorações agrícolas e outras atividades tradicionais, com o aumento das receitas;
- **Criação de emprego:** a criação de emprego é o fator de maior sucesso do TER. O aumento de emprego pode ser verificado nos serviços que estão ligados diretamente ao turismo, como os alojamentos e restauração, mas também a nível de transporte, comércio, serviços de informação, etc.;
- **Variação do emprego:** este item está relacionado com as alíneas anteriores, revelando-se como um fator que enriquece a sociedade rural, contribuindo também para uma maior retenção ou fixação da população rural;
- **Pluriatividade:** a população local pode ter mais que uma fonte de emprego;
- **Apoio à agricultura:** os agricultores conseguem aumentar as suas receitas através da criação de alojamentos, atrações, vendas dos produtos agrícolas aos visitantes;
- **Benefícios ao nível da floresta:** as zonas florestais são áreas que podem ser vistas como uma fonte de receitas (parques de campismo), se as suas qualidades forem bem aproveitadas;
- **Conservação da paisagem e natureza:** o turismo em espaço rural contribui para recuperar e manter as paisagens tradicionais, apoiar o património local, na criação e oferta de atividades recreativas aos turistas;
- **Artesanato:** a venda do artesanato local pode aumentar com a visita dos turistas ao meio rural, pois estes gostam e compram os produtos regionais para lembrança ou para oferecer a familiares;
- **Ambiente histórico e construtivo:** pode ser beneficiado com o TER, através da reabilitação de antigas construções e monumentos que se tornam atrações turísticas;
- **Melhorias ambientais:** o aumento da procura turística leva a vizinhança a limpar os seus terrenos, que se encontram nas proximidades da atividade turística;
- **Novas ideias e iniciativas:** a natureza cada vez mais competitiva do mercado turístico e os novos desafios que se colocam na área do turismo, podem encorajar e incentivar novas empresas e novas estratégias. Neste sentido, o turismo rural representa um potencial catalisador de diferentes e novos negócios;

Como vemos, a atividade turística em espaço rural é relevante quanto ao número de benefícios que proporciona numa região, mas ainda assim, não se traduz só em efeitos positivos, trazendo consigo efeitos e problemas negativos às áreas rurais.

No que diz respeito às ameaças e efeitos negativos sobre as áreas rurais, podem ser identificadas da seguinte forma:

- Esta atividade decorre em ambientes naturais sensíveis, podendo prejudicar os diferentes recursos naturais, como: a vegetação, o solo, a fauna, e flora;
- Pode ameaçar a calma, a paz e a autenticidade existente;
- Nas zonas com pouca capacidade de receber muitos visitantes, surge a existência de congestionamento do tráfego, afetando a capacidade atrativa da área enquanto destino, bem como, afetar o contexto de vida das populações;
- Imitação de certos hábitos de outras regiões;
- Aumento do custo de vida;
- Aparecimento de conflitos entre turistas e moradores da região.

Este tipo de turismo tanto apresenta aspetos positivos como negativos, mas, muitos dos efeitos dependem das características do local, do nível e dimensão da atividade, do tipo de atividade desenvolvida, bem como das características e da maneira de ser dos turistas. Ainda assim, as ameaças e os prejuízos que a atividade turística proporciona ao local podem ser reduzidos através da maximização dos seus benefícios.

3.6.2. Contributo do Turismo em Espaço Rural para o Desenvolvimento Local

O turismo em espaço rural desenvolveu-se na Europa, nos meados da década de 60 do séc. XX, aos olhos do governo era entendido como um remédio universal, para combater a crise agrícola dos anos 80, bem como para desenvolver as economias rurais. No entanto, o entusiasmo pelo turismo rural foi tanto que acabou por se transformar numa desilusão, pois, no final, os resultados não correspondiam às expectativas. Para combater este tipo de problema muitas alterações têm sido feitas, desde mudanças a nível da oferta como também a nível da procura turística, isto porque os turistas apresentam cada vez mais exigências, pretendendo melhorias nos níveis da qualidade da oferta. Assim, para além destes e de outros fatores, em 1990 surgiu o relançamento do turismo rural como um novo produto de consumo⁷⁶.

Numa outra perspetiva, a origem do turismo em espaço rural aparece de forma descontrolada para combater a crise que se passava no turismo tradicional, aparecendo organizado de novos desejos e motivações para oferecer aos turistas. Assim, este novo produto tem como função combater um “duplo desequilíbrio, como, o abandono do campo e a sobrelotação das praias”⁷⁷.

O TER como fator de desenvolvimento rural depende sobretudo do tipo de atividades desenvolvidas e apesar do turismo ser promovido em nome do desenvolvimento e preservação do rural, em muitos casos têm prevalecido os interesses dos proprietários⁷⁸.

⁷⁶ Cánoves, G. (2004), Rural Tourism in Spain: an analysis of recent evolution.

⁷⁷ Fourneau, F. (1998), El Turismo en Espacio Rural en Francia.

⁷⁸ Barke, M. (2004), Rural Tourism in Spain.

Em Portugal, a partir de meados dos “anos 80 e de uma forma crescente ao longo da década de 90”, o turismo foi entendido como um grande fator de desenvolvimento sobre o meio rural, começando a ganhar um certo incentivo por parte das diferentes organizações, de vários níveis. No entanto, apesar de contribuir para o crescimento das regiões do interior, tanto a nível da oferta, da procura e do emprego, o resultado final não era muito produtivo, notando-se um fraco contributo para a base económica das regiões. Mas, ainda assim, algumas regiões do interior conseguiam ter melhores resultados que outras regiões, devido às potencialidades existentes, às características dos setores tradicionais e às diferentes ofertas turísticas que a região conseguia oferecer. As grandes potencialidades que uma região deve possuir neste tipo de turismo são os recursos naturais e o património histórico-cultural. Estas duas características são os principais grandes trunfos para o desenvolvimento do local⁷⁹.

Uma atividade turística não se desenvolve só a partir de fatores existentes na região, muitas vezes o seu desenvolvimento passa por confrontos, barreiras e constrangimentos que dificultam a implementação das iniciativas, condicionando o desenvolvimento do turismo nas zonas interiores. As barreiras/constrangimentos no desenvolvimento de uma exploração turística nas regiões do interior são: falta de mão-de-obra qualificada, regulamentação existente, reduzida capacidade de iniciativa e reduzida capacidade de investimento.

O TER acaba sempre por beneficiar as classes sociais mais elevadas, porque os proprietários das melhores propriedades e das melhores residências rurais (solares, maiores quintas e antigas mansões), pertencem às grandes famílias com brasão.

Contudo, as dificuldades perante a problemática do desenvolvimento rural e a valorização dos recursos traduzem-se na “elitização do turismo em espaço rural, a sua frequente falta de complementaridade com as atividades agrícolas em geral, o fraco enraizamento local e os escassos impactos, em termos de resultados económicos e de criação de emprego”⁸⁰, e ainda nas dificuldades de fixação, a nível local, dos benefícios gerados por algumas atividades turística, bem como a má coordenação entre os múltiplos agentes da cadeia turística, entre outras dificuldades. Perante estes problemas, deverão ser tomadas medidas e ações para a construção de novas atividades e comportamentos. Assim, é fundamental a criação de uma visão global sistemática e integrada, com o envolvimento dos diferentes atores na concretização de estratégias e orientações para o desenvolvimento⁸¹.

Como já foi referido a atividade turística, foi entendida como uma resposta à crise, assumindo um papel de resposta a uma tripla crise: crise de espaço rural (mantendo as pessoas e as atividades locais), crise dos municípios rurais (obtenção de receitas) e crise do mundo agrícola (criação de novos postos de trabalho e receitas adicionais). Apesar do turismo proporcionar

⁷⁹ Ribeiro, M. e Mergulha, L. (2000), Turismo e Desenvolvimento das regiões do interior.

⁸⁰ Cristóvão, Artur, (2000), Ambiente e Desenvolvimento de áreas rurais marginais: o caminho tortuoso para uma relação potencialmente frutuosa.

⁸¹ Idem.

algum sucesso, esta questão ainda não possui uma resposta totalmente positiva no que diz respeito ao contributo do TER para o desenvolvimento rural, pois nota-se pouca criação de postos de trabalho e os agricultores continuam com baixas receitas. No entanto, é de notificar que o êxito deste tipo de turismo só é atingido em zonas fortes, enriquecidas de paisagens, história, cultura e de uma forte população local. Sem estes atributos o turismo rural pouco pode fazer em regiões quase abandonadas, apenas atrasa o seu abandono total⁸². Assim, o turismo em espaço rural não é uma solução milagrosa para combater os problemas das explorações agrícolas, mesmo trazendo múltiplos benefícios. Para o sucesso ser atingido depende na maior parte das vezes do equilíbrio entre a manutenção da atividade económica e da proteção da atratividade do ambiente rural⁸³.

O TER, de um modo geral, tem assumido um resultado positivo, mas é preciso ter em conta e evitar alguns problemas que dão lugar à designação de “falso turismo rural”, na medida que os projetos e equipamentos turísticos algumas vezes são de característica urbana e são aplicados no espaço rural, sem ter em conta as especificidades locais, tornando-se perigoso para o mundo rural. O “verdadeiro turismo rural” tem que respeitar o património rural, a histórico, as culturas e as sociedades rurais. Em suma, o turismo em espaço rural não pode ser interpretado como um turismo de colonização, mas pelo contrário, um turismo de comunicação⁸⁴.

Deste modo, a atividade turística em espaço rural revela-se pouco significativa para o desenvolvimento das áreas rurais, na qual só se cria uma grande expectativa perante o efeito do TER, no que diz respeito ao desenvolvimento das áreas mais fragilizadas. Ainda assim, esta atividade pode vir a ser melhorada tanto a nível económico, ambiental e cultural, se forem adotadas estratégias tanto a nível de marketing, gestão e planeamento.

3.7 A Região do Vale do Côa

A região Vale do Côa é um território rural de baixa densidade, apresentando uma estrutura etária envelhecida e sem atrativos para a fixação de jovens ativos qualificados. O caminho do desenvolvimento das sociedades atuais passa pelo aproveitamento das potencialidades do território, através da valorização dos recursos deixados pelo fenómeno geológico do interior da terra. Numa outra perspetiva considere-se que as marcas de ocupação humana deste território, modeladas no acentuado ruralismo da paisagem e as tradições culturais, representam a forma de caracterizar e diferenciar a região⁸⁵.

Como já foi referido anteriormente, esta região é caracterizada pelo envelhecimento e pela evolução negativa da população, sendo cada vez mais agravada a partir da década de 70 do

⁸² Fourneau, F. (1998), El Turismo en Espacio Rural en Francia.

⁸³ Cánoves, G. (2004), Rural Tourism in Spain: an analysis of recent evolution.

⁸⁴ Fourneau, F. (1998), El Turismo en Espacio Rural en Francia.

⁸⁵ Ribeiro, J. Coixão, A. (2011), Côavisão - Cultura e Ciência.

séc. passado. Os baixos índices de produtividade e de empreendedorismo, aliadas ao incontestável défice de capital humano e de massa crítica, patente na preponderância de trabalhadores não qualificados, provocaram o aumento do desemprego e da pobreza na região. Ainda assim, o território da região Vale do Côa é composta por um património arqueológico de inestimável valor sendo predominante da maior concentração de arte rupestre paleolítica ao ar livre, que conjugada com os colossais monumentos medievais, com o património natural preservado patente de beleza em contexto de ruralidade e de tradicionalidade que lhe determina uma forma e uma identidade própria.

3.7.1. Enquadramento Físico da Região do Vale do Côa

O território da região Vale do Côa situado a nordeste de Portugal é constituído por 225 freguesias, distribuídas por dez municípios integrantes na Associação de Municípios do Vale do Côa, nos quais se destacam de Norte para Sul da seguinte forma: Mogadouro, Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Mêda, Trancoso, Pinhel, Almeida e Sabugal.



Figura 11 - Municípios Integrantes da AMVC



Figura 12 - Os 10 Municípios da região Vale do Côa

O Vale do Côa localiza-se geograficamente estendido sobre um eixo Norte-Sul, abrangendo os territórios de Trás-os-Montes, o Douro e a Beira Interior Norte. Assim, a sua ocupação começa nas terras Transmontanas até às de Riba Côa, na Beira Interior, estabelecendo charneiras de interdependência com o Douro superior, a Norte, a Serra da Estrela, a Sul, com o território espanhol mais propriamente a região de Salamanca⁸⁶.

⁸⁶ Abrantes, A. (2012), Relatório Profissional.

Esta região apresenta uma densidade populacional de 17.3 hab./Km², com uma área territorial de 4923km² e a sua população residente é constituída por 84960 habitantes (dados do ano 2007).

O território segundo, as condições geográficas e históricas, apresenta um carácter único, quer pela sua condição física, geográfica, orográfica, clima e cobertura vegetal, quer pelas características da sua ocupação humana ao longo de dezenas de milénios e das atividades que se desenvolveram.

Na região, as paisagens partilham o peso dos antepassados através da ocupação dos espaços agrícolas e dos modos como se combinam com o elevado relevo terrestre, bem como o seu clima. Sendo esta uma zona economicamente fraca e apesar de ser ocupada desde há muitos milénios pelo homem, o vale apresenta extensos planaltos e montanhas de xisto e granito, intercalados com as grandes extensões de paisagens, vales férteis e regadios.

3.7.1.1. Caracterização do Rio Côa

O rio Côa nasce na Serra das Mesas situada na região de Sabugal (Município a Sul do Vale do Côa), percorre uma distância de 130 Km até ao encontro do rio Douro, na região de Vila Nova de Foz Côa. Ao contrário da maior parte dos rios, este apresenta uma característica própria, pois o percurso das águas faz-se no sentido de Sul para Norte, junto à fronteira de Espanha, situado na Beira Alta.

No percurso, o rio Côa atravessa zonas fortes no granito mas, nos seus últimos quilómetros, cede lugar a uma zona de xisto. A sul, o rio começa por atravessar diferentes tipos de granitos e prolonga-se por um vale retilíneo, com um leito muito encaixado, delimitado por margens abruptas⁸⁷.

⁸⁷ Luis, L. (2008), A Arte e os Artistas do Vale do Côa.

A zona granítica do rio desaparece a 10Km do encontro com o rio Douro, mais propriamente na Zona de Santa Comba, começando aparecer uma zona mais de xisto. Depois de ultrapassar a área granítica, o vale do rio aparece mais aberto, desde a zona da praia fluvial da Penascosa até à foz da Ribeira de Piscos e a partir daí, o rio volta a fechar-se em margens com inclinações acentuadas, embora possa aparecer uma ou outra praia fluvial. As margens são de tal inclinação que podem oscilar entre os 400 e 800 metros de altura do lado direito do rio e a margem esquerda anda entre os 100 e os 500 metros dando origem ao aparecimento de algumas praias fluviais. Atualmente o rio Côa é considerado com um dos rios menos poluídos de Portugal⁸⁸.



Figura 13- Encostas do rio Côa

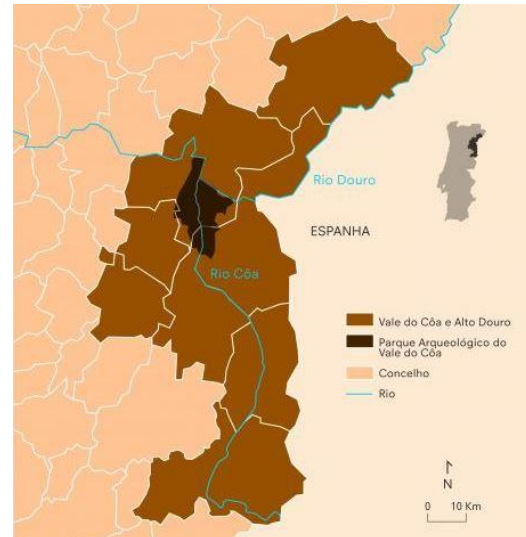


Figura 14 - Percurso do rio Côa

3.7.1.2. Caracterização do Clima na Região do Vale do Côa

A região do Vale do Côa caracteriza-se atualmente por um clima mediterrâneo subcontinental⁸⁹. No Vale do Côa os verões são muito quentes e secos, podendo ultrapassar facilmente os 40°C e no Inverno a temperatura pode chegar aos 10°C negativos, devido à sua altitude geográfica. O clima da região possuidora de grandes olivais, amendoeiras e vinhas, caracteriza-se por grandes amplitudes climáticas no seu ciclo anual, existindo dois microclimas e nichos ecológicos semelhantes às condições mediterrâneas.

No verão, se a precipitação for muito pequena, o rio chega mesmo a secar durante uma curta duração de tempo, no Outono e Inverno com a queda de muita água chega atingir os 300 e 400 metros de caudal.

⁸⁸ Luis, L. (2008), A Arte e os Artistas do Vale do Côa.

⁸⁹ Fernandes, A. (2005), Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

3.7.1.3. Caracterização da Fauna e Flora

Este tipo de climatização reflete-se nos vários tipos de vegetação natural e na atividade agrícola da região. A vegetação natural predominante é de carácter mediterrânico como as azinheiras e os zimbrais, encontrando-se hoje muito degradada pela ação humana, devido ao cultivo de centeio. No entanto, ainda existem algumas zonas com interesse natural como por exemplo os montes de azinheiras e sobreiros, na qual pode observar-se a Águia-de-asa-redonda, a Águia cobreira, o Pombo-torcaz, a Rola-brava, a Lebre, o Coelho bravo e o Javali. Ao longo do rio a paisagem é coberta de freixos, amieiros, chupos e salgueiros, onde prevalecem pequenas aves tais como a Toutinegra, a Garça-real e o Corvo-marinho. As águas do rio são frequentadas por Carpas, por Barbos, pela Boga-duriense e pela Lontra. Para além das águas e da vegetação, as zonas mais íngremes são território de algumas das aves mais importantes devido à sua raridade, podendo observar-se nestes locais a Cegonha-negra, o Grifo, o Abutre do Egipto, a Águia-real, a Águia de Bonelli e o Bufo-real⁹⁰.



Figura 15 - Freixos junto ao leito do rio Côa



Figura 16 - Vegetação Zimbral



Figura 17 - Abutre do Egipto



Figura 18 – Grifo

⁹⁰ Luis, L. (2008), A Arte e os Artistas do Vale do Côa.

3.7.1.4. Caracterização da Atividade Humana

Na região as principais atividades pertencem ao sector primário, a agricultura e a pastorícia, empregando cerca de 40% da população ativa. A atividade agrícola praticada em pequenas explorações é baseada na trilogia mediterrânea: a vinha, a oliveira e a amendoeira. A plantação da amendoeira nos dias de hoje apresenta uma produção em minoria perante a olivicultura e a vinicultura, pois estas têm apresentado um grande crescimento na produtividade nacional. A atividade agrícola ainda é complementada por outros tipos de atividade como a horticultura junto dos cursos de água e a produção de cereal, denotando-se uma fraca produção na atualidade, comprovado através dos inúmeros pombeiros abandonados em toda a região. A atividade pecuária completa a agricultura, com a criação de gado bovino, ovino e caprino, este último com menor destaque, sendo ainda aproveitados produtos secundários como o leite, a lã e o queijo.

Na região, vista como uma zona de comércio pouco desenvolvido, é de salientar a existência de algumas produções ligadas ao sector agroalimentar e à extração de granito e xisto, que deixam fortes marcas nas paisagens.

3.7.1.5. Caracterização do Património Cultural e Arquitetónico

A região do Vale do Côa é predominante de inúmeros monumentos qualificados pela sua história. Os castelos que testemunham o facto de estarmos numa zona de fronteira entre os antigos reinos de Leão e Portugal. O rio Côa foi a principal linha de fronteira até 1297, com o tratado de Alcanices as terras do lado esquerdo do rio passaram a pertencer ao reino Português. Os pelourinhos são elementos de povoamento e de desenvolvimento dos poderes locais, como os pelourinhos quinhentistas de Vila Nova de Foz Côa, Almendra e da Muxagata.

A nível de arquitetura, as construções tradicionais eram feitas consoante a matéria predominante na região, com xisto ou pedra, ainda assim, aparece a junção dos dois elementos onde o xisto se mistura com o granito, este último utilizado nas zonas estruturais mais importantes, nos cunhais e nas empenas das portas e janelas.

Pelos campos fora é possível observar muros apiários feitos em pedra ou xisto, bem como inúmeros pombais de vários tipos abandonados pelas diversas encostas do vale.



Figura 19 - Muro apiário



Figura 20 - Habitação pedra/xisto

3.7.2. Principais Caracterização da Região do Vale do Côa

Síntese, caracterização e descrição da região do Vale do Côa:

- É marcada como uma das regiões mais pobres no contexto nacional, apresentando baixos níveis de produção em toda a região;
- Maior número de envelhecimento populacional, com uma densidade populacional abaixo da média nacional (17.3 hab./km² contra 114.7 hab./km²) e também possui uma taxa de envelhecimento superior à média nacional. A taxa de natalidade é inferior à média nacional e a taxa de mortalidade com níveis superiores à média nacional;
- Pouco desenvolvimento empresarial no que diz respeito ao empreendedorismo turístico da região;
- Escolaridade com baixos níveis relativo ao nível nacional, cerca de 60% da população detém grau de escolaridade até ao 1º ciclo do ensino básico, apresentando assim um maior nível de trabalhadores não qualificados em toda a região;
- Forte património cultural e natural, mas em consequência pouco explorado, visitado e reconhecido. Exibindo uma baixa densidade turística fruto da pouca capacidade de alojamento e de dormidas registadas, bem como de uma fraca capacidade de atração aos turistas estrangeiros;
- Possui vestígios das mais antigas ocupações humanas da Península Ibérica. Detém o maior número de gravuras rupestres cravadas nas rochas, símbolo das comunidades Paleolíticas que terão ali vivido há mais de 20 mil anos;
- Património cultural edificado muito rico, como, igrejas, património arqueológico, castelos e aldeias, ricas pela sua expressão rural.

Capítulo 4 - Memória Descritiva

4.1 Introdução

A presente memória descritiva e justificativa, bem como os elementos gráficos complementares, constituem o projeto de uma infra-estrutura de apoio ao turismo em espaço rural, no concelho de Pinhel, numa aldeia designada de Freixedas. O projeto é desenvolvido segundo pontos específicos da região, como os problemas de clima, as zonas envolvidas, a vegetação e o ambiente natural e a legislação turística.

Deste modo, o importante é desenvolver uma análise profunda e uma avaliação objetiva e crítica, dos conjuntos de elementos que complementam a estratégia da organização do projeto de arquitetura.

4.2 Objetivo

Como já foi referido, o principal objetivo deste trabalho tem como finalidade desenvolver uma infra-estrutura de apoio ao turismo na região do Vale do Côa. Nesta região, o turismo rural tem crescido cada vez mais em diferentes pontos do Vale. Assim, a aldeia de Freixedas através da implementação de uma atividade turística, pode contribuir para o prosseguimento da evolução e corresponder às expectativas que tanto se depositam no turismo rural.

Esta infra-estrutura é complementada por um conjunto de estabelecimentos e serviços que dão suporte à atividade turística através do atendimento direto ao visitante, onde os turistas podem usufruir das hospedagens, da alimentação, praticar atividades de lazer e ocupar o tempo com algum tipo de entretenimento.

No entanto, o projeto do empreendimento turístico deve ser concretizado de forma cautelara para preservar o espaço em questão, não precisando de ser auto-suficiente. Pois se algum produto ou serviço não estiver disponível no espaço turístico, o visitante pode deslocar-se a um outro espaço de forma a satisfazer as suas necessidades.

Assim, o empreendimento turístico resulta para um crescimento do concelho e de toda a área da região do Vale do Côa, que hoje se encontra em decadência com o abandono da população para o estrangeiro ou para as grandes cidades. Este projeto é pensado e desenvolvido de forma a cativar os visitantes a consumirem e partilharem o produto que toda a região do Vale do Côa tem para oferecer.

Um outro ponto importante é levar os visitantes a participar e interligarem-se com as demais atividades agrícolas presentes no local e perceberem o ciclo de toda a produção.

4.3 Área de Intervenção / Enquadramento Geral

A área de intervenção localiza-se na Beira Interior Norte, apresenta uma superfície com cerca de 36197.62m², situada numa pequena quinta nos arredores da aldeia de Freixedas. O local, com uma altitude de 706m acima do nível do mar, localiza-se num eixo Norte - Sul entre a cidade de Pinhel e Guarda, um pouco mais próximo da cidade de Pinhel, a uma distância de 13Km e a 24Km Guarda.

A quinta situa-se a 300m da estrada N221 que liga Pinhel à Guarda é rodeada por áreas de cultivo, amplas e naturais. Quase toda a área é envolvida por um caminho rural e a sul faz fronteira com propriedades privadas, sendo delimitado com muros de meia altura (1.50m) feitos em pedra, dando um ar mais rústico ao espaço.

Esquema / Localização da área de intervenção:

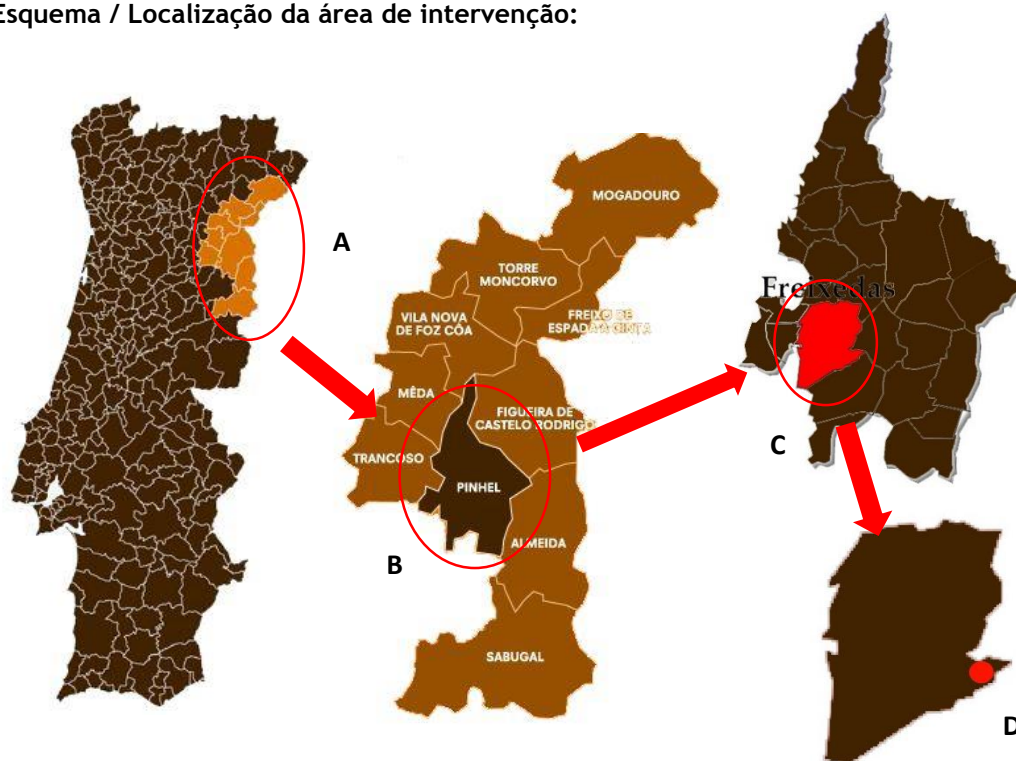


Figura 21 - Esquema da localização da área de intervenção

Legenda:

A - Região Vale do Côa

B - Concelho de Pinhel

C - Aldeia de Freixedas

D - Área de Intervenção














4.3.1. Estudo / Análise da área de intervenção

A área de intervenção é composta por diversos tipos de espaços. Espaços de pastagens para gado bovino, zonas vinhateiras e áreas de cultivo para consumo próprio. Na seguinte imagem são limitados e caracterizados os tipos de áreas da quinta.



Figura 22 - Esquema do estudo do terreno

Legenda:

 Limite terreno - 36197.62m ²	 Área de pastagem - 16475.32m ²
 Linhas de água	 Área de cultivo - 11910.03m ²
 Poço de água	 Área de vinha - 5388.77m ²
 Acesso principal (automóvel)	 Área de suinocultura - 767.55m ²
 Acesso pedonal	 Armazém existente - 164.60m ²
 Acesso ao armazém	 Habitação existente - 231.64m ²
	 Edifício degradado (rústico) - 35.45m ²

4.4 Ideia / Conceito

Respeitar o existente e transformar os espaços vazios em volumes sólidos foi a principal ideia na elaboração da proposta de arquitetura.

Com o estudo e caracterização dos vários tipos de espaços do terreno, surge a opção de construir e desenvolver a proposta numa zona de cota mais baixa, de maneira a conseguir enquadrar os vários volumes numa forma em U. A organização em U, aberto a nascente, possibilitou criar diferentes tipos de espaço, com diferentes formas e dar diferentes funções a cada volume, possibilitando também a criação de diversas vistas sobre a paisagem circundante.

Envoltos por muros rústicos, os três volumes interligam-se com a paisagem de uma forma transparente, através da criação de grandes envidraçados espelhados que refletem a paisagem circundante.

Volumes que assumem formas simples são revestidos a cor branca, transmitindo a sua simplicidade e pureza, que se confunde com os dias brancos de geadas durante as épocas inverniais.

Esquema da ideia:

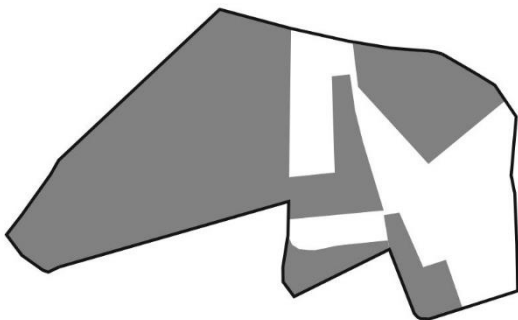


Figura 23 - Cheios / Vazios

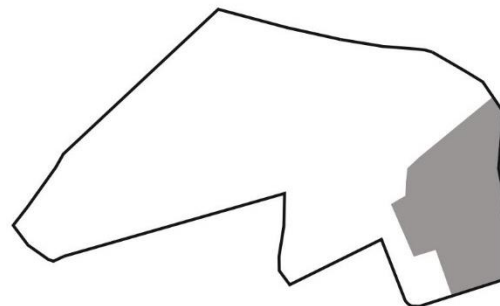


Figura 24 - Vazio de menor cota

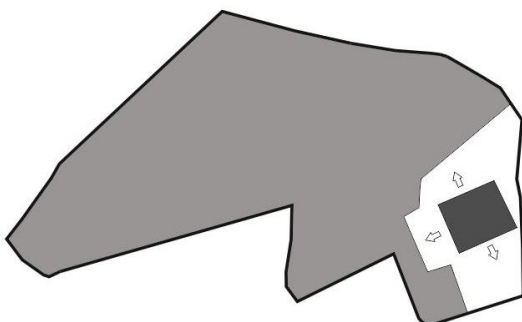


Figura 25 - Volume sólido

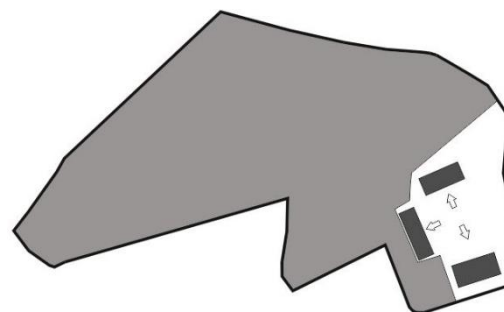


Figura 26 - Distribuição do volume

Imagens do local:



Figura 27 - Imagem aérea do terreno



Figura 28 - Imagem do local (A)



Figura 29 - Imagem do local (B)



Figura 30 – Edifício rústico existente (C)



Figura 31 - Edifício rústico existente (D)



Figura 32 - Imagem do local (E)

4.5 Programa / Distribuição Funcional

O programa de arquitetura é criado segundo a distribuição e organização de novos espaços. Na articulação de espaços tem de se ter em conta a divisão das diversas áreas, a relação entre os vários espaços e as várias hierarquias que cada espaço ocupa. Assim, o projeto de arquitetura de apoio ao turismo rural foi dividido em três blocos separados entre si que circundam a piscina, situada num ponto central.

Os três volumes são projetados com diferentes características e funções, apresentando diferentes eixos de orientação no espaço que ocupam. A distribuição dos blocos forma uma espécie de U, que se abre a nascente com vista para a paisagem, como já foi referido anteriormente. A uma cota mais baixa situam-se os dois volumes principais, destinados às zonas mais públicas e de mais rápido acesso, numa cota mais elevada um outro volume é encaixado numa zona mais calma, destinado a um espaço mais privado, de maior sossego e tranquilidade.

A ideia de projetar nos espaços vazios não foi exceção na criação do estacionamento, sendo este criado num espaço desorganizado, encaixado sobre linhas oblíquas delimitado por videiras. Assim, a zona do estacionamento foi ocupar um espaço desinteressante em termos de organização, adequando-se perfeitamente a este tipo de função.

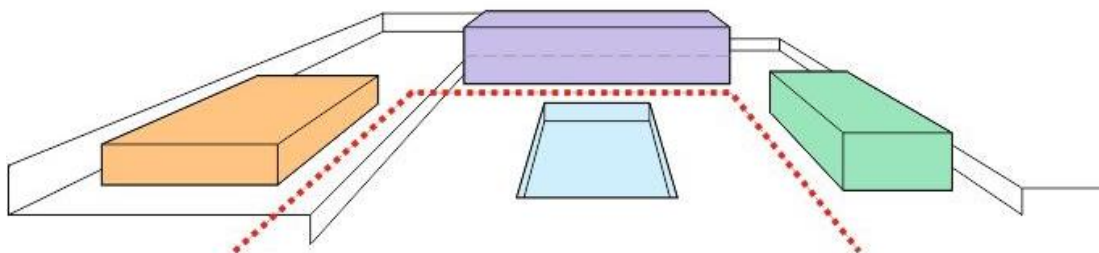


Figura 33- Esquema da organização dos 3 volumes

- Volume A (Restaurante)
- Volume B (Público/Privado)
- Volume C (Privado)
- Piscina
- Forma/Organização em U

4.5.1. Volume A (Restaurante)

O volume A situado mais a Norte com vista para Sul, é destinado à zona do restaurante. Este volume é constituído por diversas áreas que correspondem às exigências de um restaurante, tais como: hall de entrada, zona de circulação, casas de banho, bar, arrumos do bar, cozinha, zona de lavagem, dispensa, casa de banho/cozinha, vestiário e zona do lixo. Com uma forma

quase paralelepípedica e com apenas um vão de entrada de luz, o espaço foi pensado segundo uma melhor distribuição e funcionalidade das diversas áreas. A zona das refeições com capacidade de 64 lugares sentados é o ponto central entre a cozinha e casas de banho.

A zona da cozinha situa-se mais a norte para conseguir uma melhor acessibilidade, facilitando as cargas e descargas tanto dos alimentos como do lixo.

Na fachada sul do restaurante com vista para a piscina é projetada uma longa esplanada coberta com uma estrutura de madeira que produz sombra no grande vão envidraçado.

4.5.1.1. Esquemas e distribuição dos espaços do volume A:

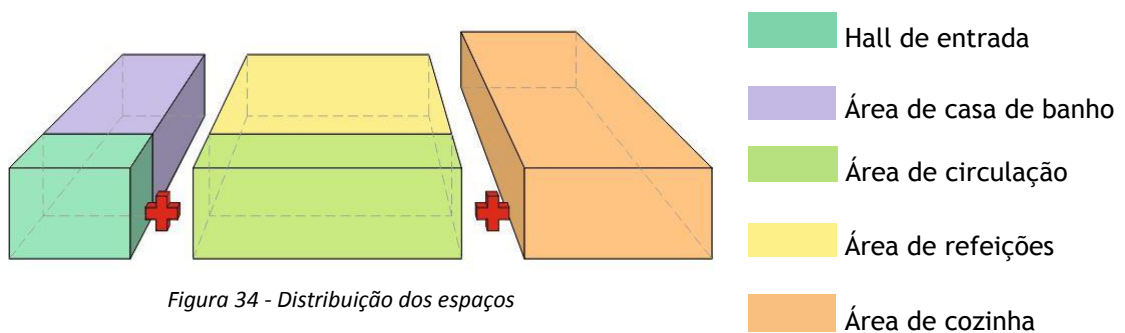








Figura 34 - Distribuição dos espaços



Figura 35 - Planta do restaurante | Sem escala

 Área de circulação - 38.70m ²	 Hall de entrada - 16.11m ²
 Área de refeições - 107.40m ²	 Área de casa de banho - 32.39m ²
 Área de cozinha - 109.85m ²	 Área de esplanada - 110.39m ²










4.5.1.2.Planta / Esquema da distribuição da cozinha

Uma característica importante a reter, foi pensar numa organização funcional e distribuição dos espaços de que a cozinha necessita, para garantir um bom funcionamento. Assim, os esquemas seguintes demonstram a organização da zona da cozinha e os seus trajetos funcionais.



Legendas:

Figura 36 - Planta da cozinha | Sem escala

 Bar - 13.89m ²	 Zona de lavagem - 12.31m ²
 Arrumos do bar - 4.56m ²	 Casa de banho - 5.01m ²
 Dispensa - 12.57m ²	 Depósito de lixo - 6.00m ²
 Cozinha - 32.20m ²	 Vestuário - 7.90m ²
 Zona de circulação	

4.5.2. Volume B (Público/Privado)

O volume B, um pouco mais a sul em relação ao primeiro bloco, é dividido em duas partes que se sobrepõem, sendo constituído por uma zona pública e uma zona mais privada. A zona pública que se situa no rés-do-chão com vista para nascente, é constituída por espaços que têm como principal função satisfazer as necessidades dos turistas, onde estes podem relaxar, praticar exercício, ocupar o tempo com jogos ou simplesmente ver televisão e navegar na internet. Estes diferentes tipos de espaços foram criados para que os turistas se relacionem uns com os outros e também para partilharem algumas atividades juntos.

O piso 1, de caracter mais privado, é constituído por cinco quartos separados entre si, criando um ritmo vertical na fachada envidraçada. Este piso, é composto por três quartos equipados com casa de banho privativa e dois quartos equipados com jacuzzi que se encontram nas extremidades do edifício. Todos os quartos possuem um grande envidraçado da largura do quarto, virado para nascente e com vista para a piscina, exceto os quartos que têm o jacuzzi conseguem ter duas entradas de luz, uma a nascente e outra a poente. Como já foi referido os quartos são separados uns dos outros, criando um ritmo vertical no edifício. A ideia de separar os quartos surge na intenção de criar um melhor isolamento entre eles, evitando a transmissão de barulhos de um quarto para o outro, conseguindo assim um maior sossego e tranquilidade.

No entanto, a organização dos quartos foi o principal item na organização dos espaços no piso de baixo, pois o rés-do-chão é dividido e organizado segundo as paredes estruturais que atravessam o edifício, dando origem a espaços isolados que comunicam entre si através do corredor que atravessa todo o edifício.

4.5.2.1. Esquema e distribuição dos espaços do volume B:

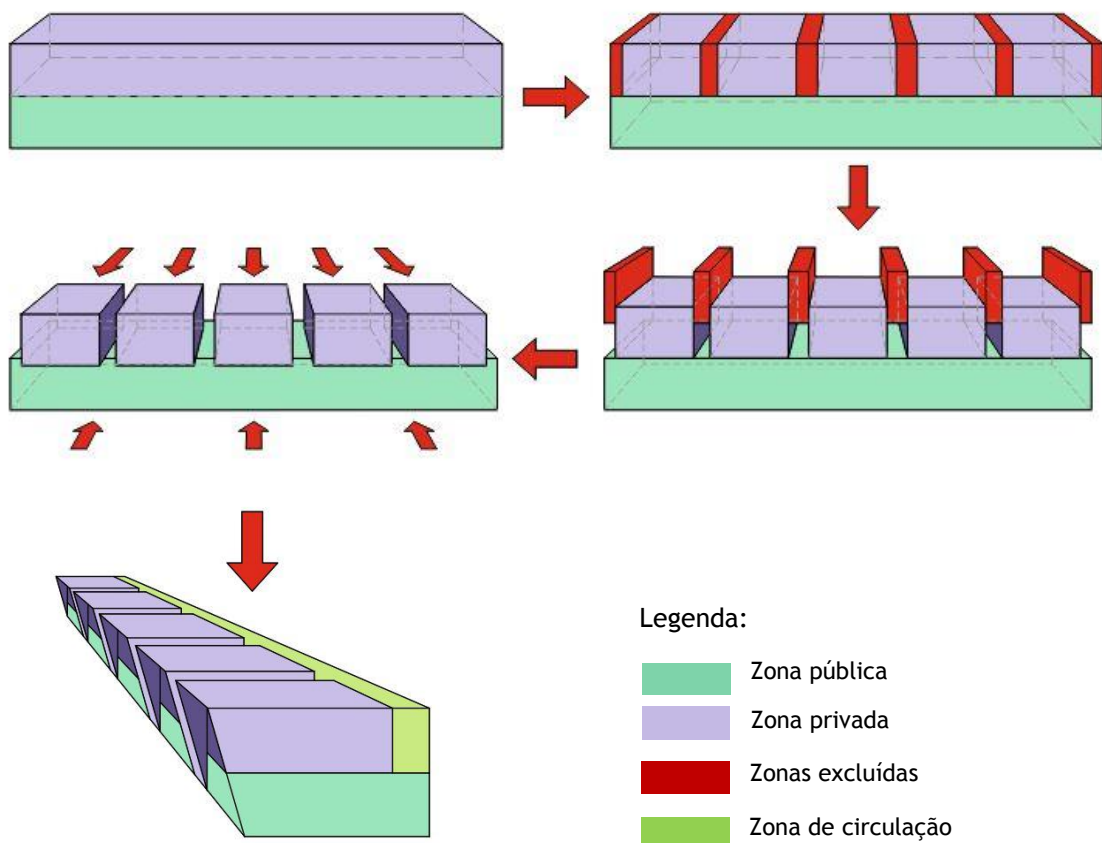
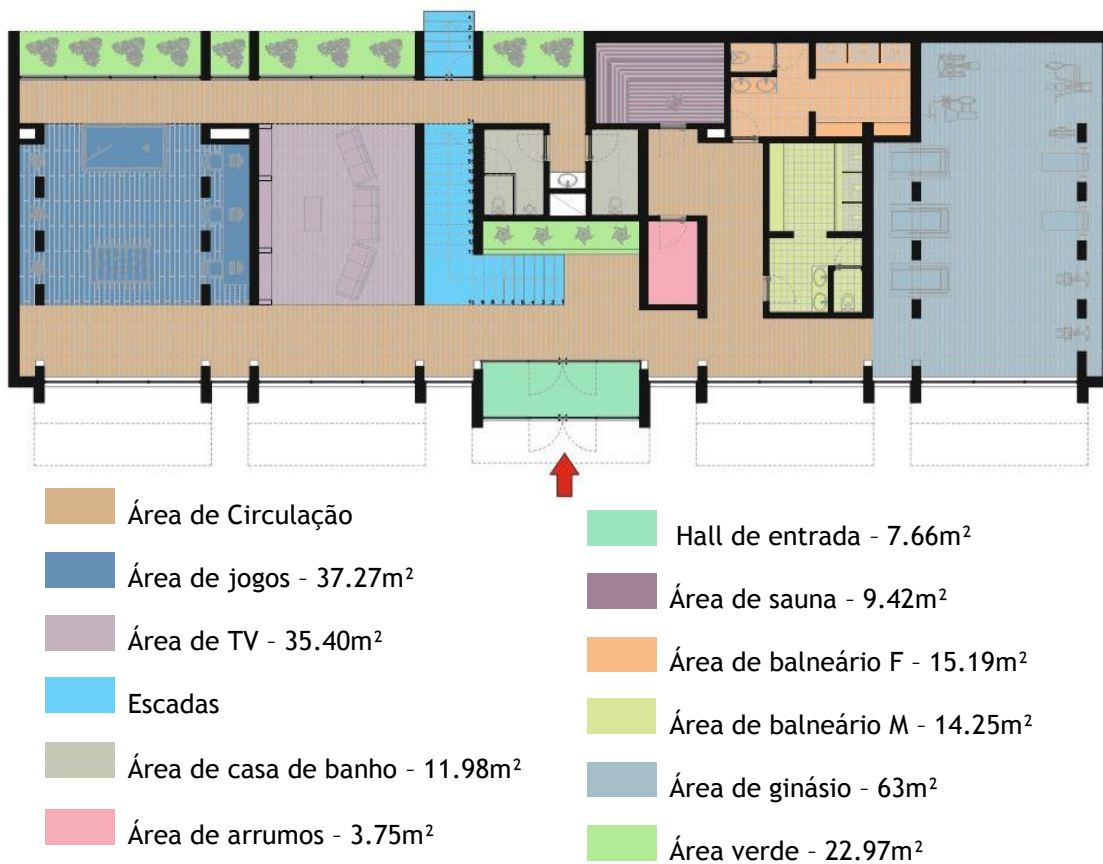


Figura 37 - Esquema da ideia

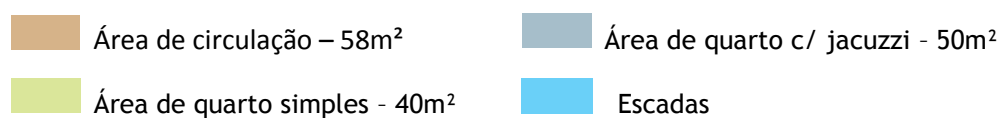
4.5.2.2.Planta do Piso 0 / Zona pública do volume B (sem escala):



4.5.2.3.Planta do Piso 1 / Zona privada do volume B (sem escala):



Figura 38 - Planta da zona dos quartos | Sem escala



O acesso para o quarto faz-se através de um pequeno corredor que dá entrada para a zona de dormir como para a casa de banho. A zona de dormir fica situada num ponto central do quarto possibilitando uma circulação contínua que dá seguimento para a zona de lazer. A zona de lazer equipada com puff, sofá e televisão, fica situada a uma menor cota em relação ao resto do quarto, criando um núcleo quase isolado que se abre para a paisagem através do envidraçado, gerando uma forte ligação entre o interior e o exterior.

O espaço do jacuzzi com vista para oeste é composto por um grande envidraçado que vai de uma parede à outra. Para proteger a entrada de luz e a visibilidade do exterior para o interior foi criada uma barreira com pranchas de madeira que podem ser rodadas criando diferentes ambientes no interior, possibilitando aos turistas criar o seu próprio ambiente.






4.5.2.4. Distribuição dos espaços do quarto (sem escala):



Figura 39 – Quarto com jacuzzi



Figura 40 - Quarto simples

	Área de jacuzzi - 9.79m ²		Área de closet - 3.10m ²
	Área de casa de banho - 4.33m ²		Área de dormir - 13.64m ²
	Área de descanso - 12.70m ²		

4.5.3. Volume C (Privado)







Encaixado numa zona mais calma e privada, o volume C é composto por quatro alojamentos de cariz mais familiar. Os alojamentos têm como principal função satisfazer os turistas que procuram a paz e o isolamento da rotina do dia-a-dia. Assim, situado num espaço vazio, isolado e numa cota mais elevada em relação ao resto do programa, este volume é dividido em dois pequenos blocos por uma oliveira existente, que traça os acessos aos quatro alojamentos.

Os dois blocos com funções simétricas são compostos por dois alojamentos equipados com cozinha, um quarto de casal e uma casa de banho. O quarto e a cozinha são divididos por uma lareira que dá ligação para ambos os lados dando continuidade a um roupeiro.

Os outros dois alojamentos são compostos com os mesmos espaços (cozinha e quarto) mas têm mais um quarto, equipado com cama de casal ou por duas camas de solteiro, oferecendo alojamento a famílias com um ou mais filhos.



Figura 41 – Planta alojamento privado | Sem escala

 Área do quarto - 14.26m ²	 Área da casa de banho - 3.92m ²
 Área do quarto casal - 16.55m ²	 Área do quarto casal - 16.72m ²
 Área da cozinha - 19.72m ²	 Área da cozinha - 19.72m ²

4.5.4. Estacionamento

A uma elevação de 1.50m em relação ao resto da proposta, o estacionamento é composto por 25 lugares, dos quais 16 são cobertos por uma estrutura de madeira. A estrutura é montada por via de encaixes feitos na própria madeira e é suportada por uma viga principal que vai encaixar num maciço de betão ao nível do terreno.

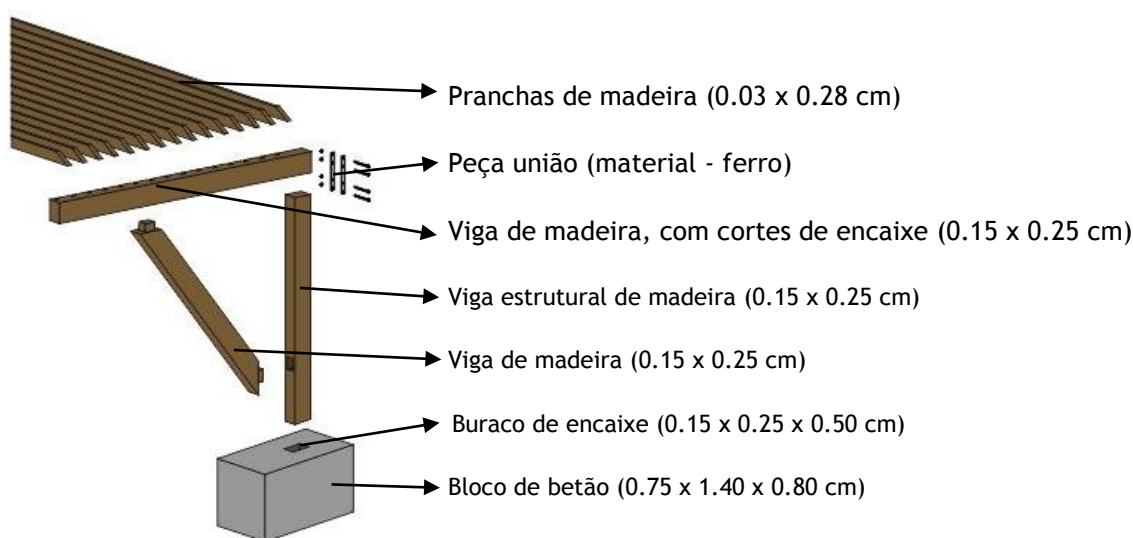


Figura 42 - Esquema de montagem

4.5.5. Receção

Entre paredes grossas e robustas, a zona da receção foi projetada num pequeno edifício de caracter rústico, já existente. Como o conceito principal passava por preservar o existente, a ideia foi reabilitar o edifício com materiais tradicionais, como a madeira, com função estrutural e telha de canudo, na cobertura. No interior, o espaço é ocupado por uma pequena casa de banho, uma zona composta por sofás e por um balcão que serve de apoio aos turistas nas demais informações.

No exterior, ladeando a fachada nascente e junto a um pequeno lago, a cobertura dá continuidade a um alpendre com vista para a piscina e paisagem. O alpendre construído todo em madeira é equipado com sofás e cadeiras, proporcionando uma zona de lazer, para os turistas terem um contato mais direto com a natureza.

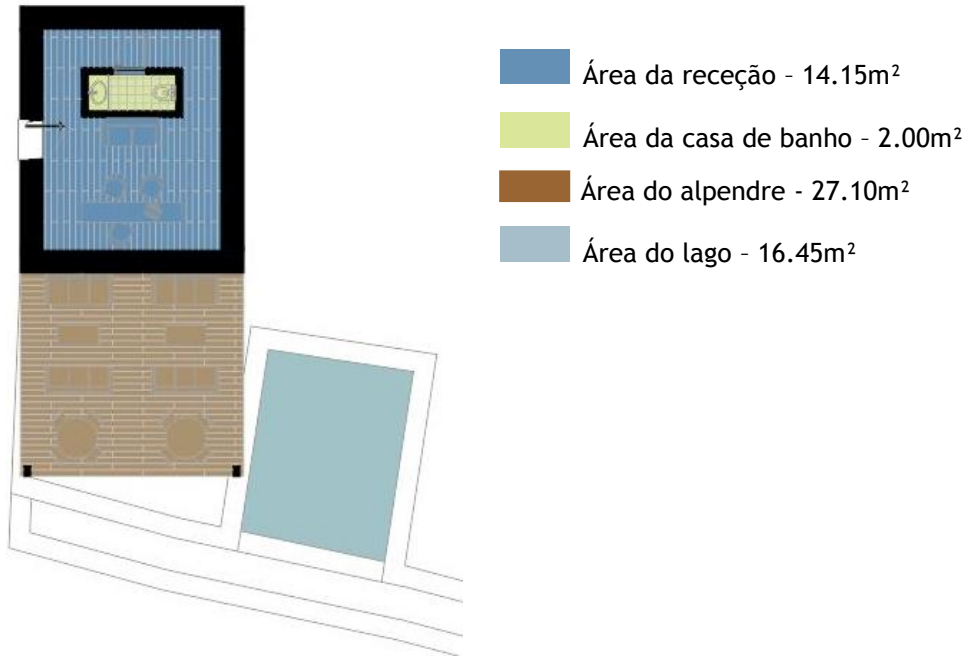


Figura 43 - Planta da recepção | Sem escala

Dados numéricos:

- Área da quinta.....36197.62m²
- Área de intervenção.....5211.53m²
- Área útil de construção.....1153.24m²
- Nº de volumes.....4
- Nº de pisos.....1
- Nº de alojamentos.....9
- Nº de camas.....13
- Nº de lugares no restaurante.....64
- Nº de lugares de estacionamento.....25
- Nº de lugares de estacionamento cobertos.....16
- Maior cércea.....7.80m

Restaurante		
Tipo de zona	Tipo de espaço	Área
Serviço	Bar	13.85m ²
	Arrumos do bar	4.56m ²
	Dispensa	2.57m ²
	Cozinha	32.20m ²
	Lavagem loiça	12.31m ²
	w/c	5.00m ²
	Vestuário	7.91m ²
	Lixo	6.00m ²
	Sala de refeição	107.40m ²
	Casa de banho (M)	12.70m ²
	Casa ed banho (M. C.)	3.92m ²
	Casa de banho (F)	11.71m ²
	Hall de entrada	16.11m ²
Circulação	38.70m ²	
Esplanada	109.84m ²	

Tabela 1 - Áreas do restaurante

Alojamento		
Tipo de zona	Tipo de espaço	Área
Privado	Quarto	2 x 15.84m ²
	Cozinha	4 x 19.72m ²
	Alpendre	2 x 22.31m ²
	Casa de banho	4 x 3.92m ²
	Quarto	2 x 16.56m ²
	Quarto	2 x 12.83m ²
	Alpendre	2 x 25.83m ²

Tabela 2 - Áreas do alojamento

Edifício privado / público		
Tipo de zona	Tipo de espaço	Área
Privado	Quarto	5 x 13.64m ²
	Jacuzzi	2 x 9.79m ²
	Casa de banho	5 x 4.33m ²
	Closet	5 x 3.10m ²
	Sala de lazer	5 x 12.70m ²
	Circulação	58.10m ²
Público	Salão de jogos	27.27m ²
	Sala de TV	27.27m ²
	Casa de banho (M)	4.67m ²
	Casa de banho (F)	3.64m ²
	Sauna	9.42m ²
	Arrumos	4.13m ²

Público	Hall de entrada	7.66m ²
	Balneário (M)	14.25m ²
	Balneário (F)	15.19m ²
	Ginásio	63.00m ²
	Escada	12.15m ²

Tabela 3 - Áreas do alojamento público/privado

Receção		
Tipo de zona	Tipo de espaço	Área
Público	Sala da receção	14.15m ²
	Casa de banho	1.94m ²
	Circulação	6.41m ²
	Alpendre	27.10m ²

Tabela 4 - Áreas da receção

4.6 Sistemas Construtivos

4.6.1. Fundação/Estrutura

No edifício A e C, são utilizadas sapatas individuais de betão armado ligadas por lintéis de fundação, que vão suportar toda a carga dos pilares, vigas e paredes, repartindo a carga de forma igual por todo o solo.

O edifício B é composto por sapatas contínuas em betão armado que vão dar continuidade a paredes e lajes em betão armado.

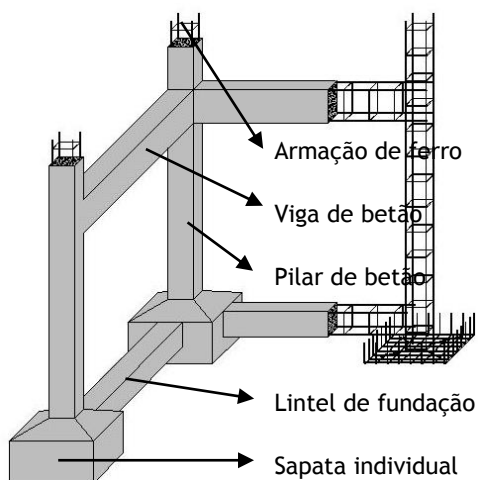


Figura 44 - Estrutura do edifício A e C

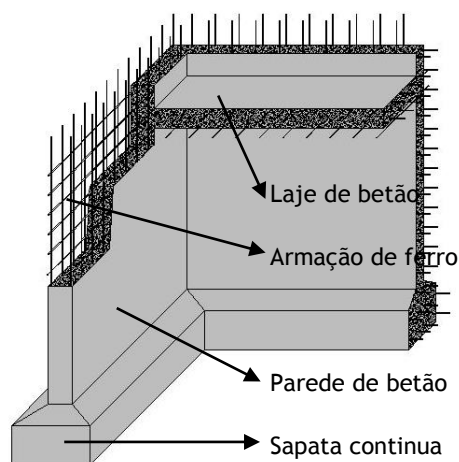


Figura 45 - Estrutura do edifício B

4.6.2. Paredes Exteriores

As paredes exteriores dos volumes A e C serão concebidas em alvenaria de tijolo duplo, sendo esta constituída por tijolo 15cm no lado exterior e no interior por tijolo 11cm separadas por uma caixa de ar de 5 cm e por placas de isolamento XPS com 3cm de espessura. No exterior, o tijolo será revestido por uma argamassa grossa de regularização, seguindo uma argamassa mais fina que será pintada a cor branca. No lado interior, a alvenaria será revestida com estuque projetado e pintado a cor branca.

No edifício B as paredes exteriores feitas em betão armado com 30cm de espessura, serão revestidas no lado exterior com o sistema “capoto”, pintado a cor branca e no interior não leva qualquer tipo de revestimento, ficando o betão nu.

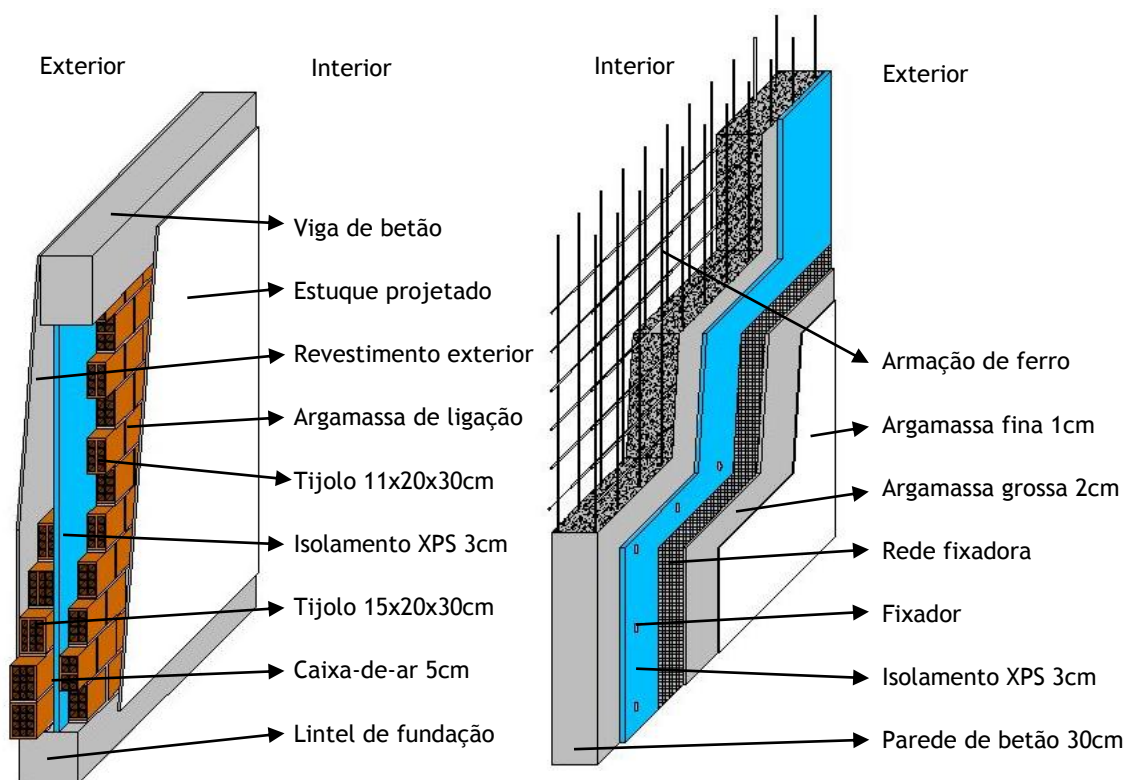


Figura 46 - Parede dupla

Figura 47 - Parede de betão armado

4.6.3. Paredes Interiores

No interior dos edifícios são utilizadas paredes simples de um só pano constituídas por tijolo 11 (11 x 20 x 30cm) com junta de argamassa de 1.5cm de espessura e são revestidas de ambos os lados com estuque projetado, pintado a cor branca. Nas zonas húmidas, o estuque dá lugar ao reboco, onde posteriormente vai ser aplicado azulejo.

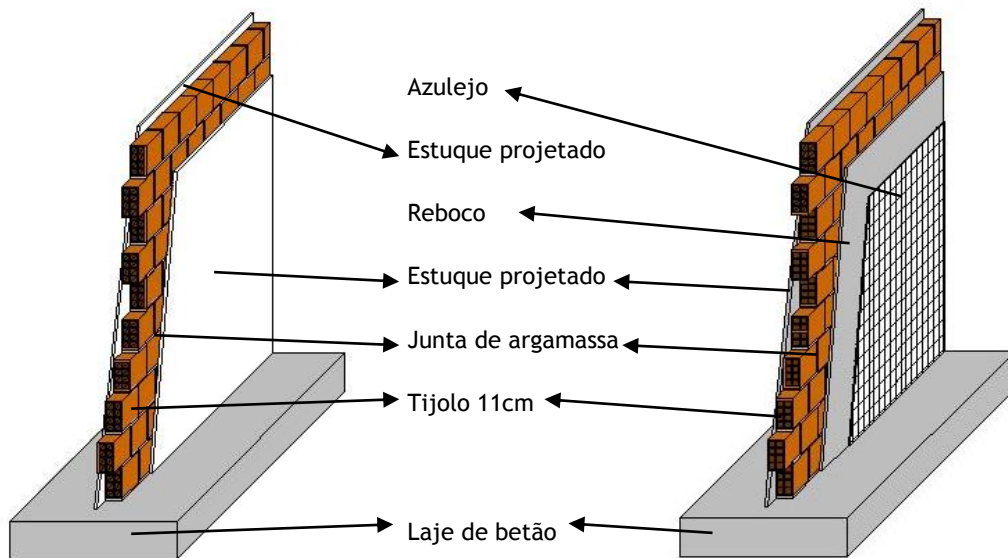


Figura 48 - Parede simples

4.6.4. Paredes da Receção

A principal preocupação no tratamento das paredes já existentes onde se situa a receção, foi o isolamento do espaço interior. No lado interior da parede, serão aplicadas placas de isolamento térmico com 3cm de espessura seguras por pequenas ripas de madeira que vão ser aparafusadas à parede de pedra. De seguida, aplicar-se-á o revestimento interior feito com tabuas de madeira maciça que serão aparafusadas nas ripas de madeira.

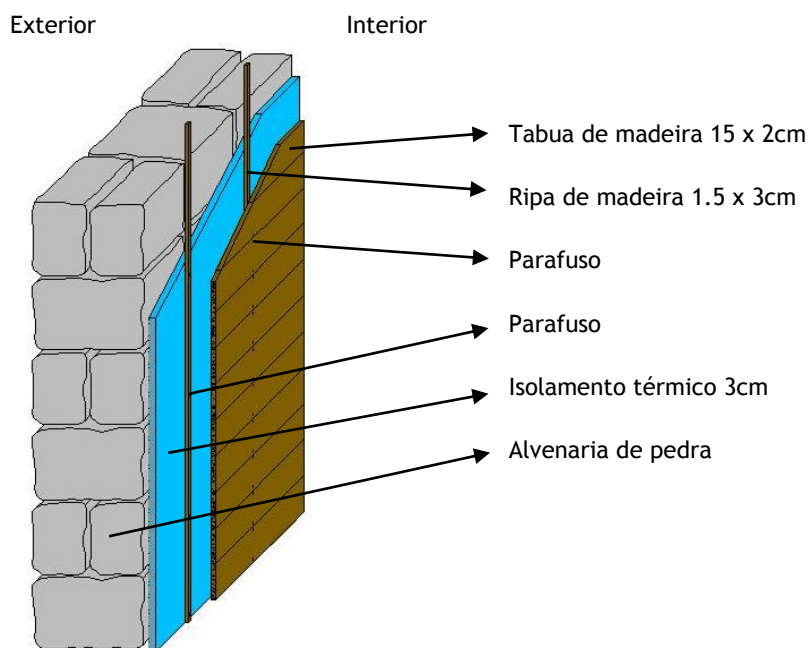


Figura 49 - Parede de pedra

4.6.5. Lajes / Coberturas

As lajes da cobertura serão em betão armado de 25cm, que posteriormente levará um enchimento de betão leve de 10cm de regularização, de seguida uma membrana impermeabilizante e isolamento térmico com 3cm de espessura. O painel de “sandwich” será aparafusado num perfil metálico em S, criando uma caixa-de-ar com 10cm de altura. Os perfis metálicos em S serão aparafusados no enchimento de regularização.

A laje do edifício B será constituída por betão armado também de 25cm de espessura, de seguida 10cm de betonilha leve de regularização e por fim um soalho de madeira maciça de carvalho, polido e envernizado.

Para a cobertura da receção será utilizada uma estrutura de madeira feita de barrotes com 25 x 15cm com funções estruturais, onde irão assentar ripas de madeira distanciadas umas das outras a 25cm, de forma a ser aplicada a telha canudo.

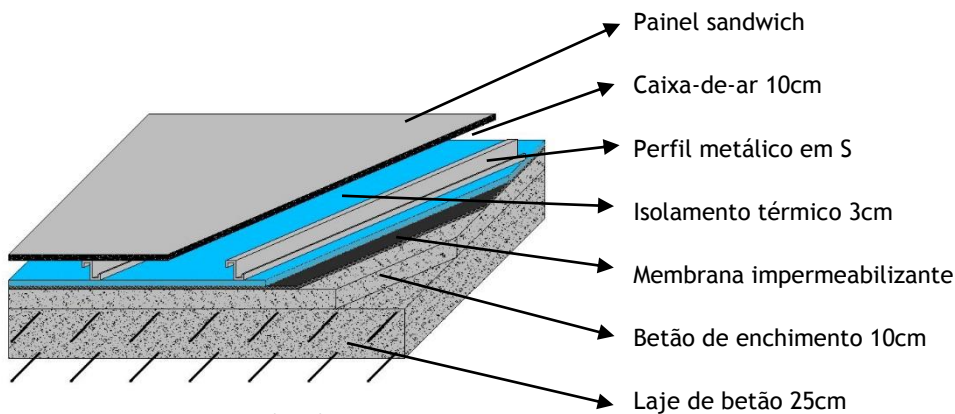


Figura 50 - Laje da cobertura

4.6.6. Tetos

Os tetos são concebidos de três formas diferentes: no volume B, na zona dos quartos, os tetos são formados com a própria estrutura de betão, junto às paredes aparece um pequeno teto falso onde serão instaladas luzes. No mesmo volume, na zona dos balneários no piso 0, serão criados tetos falsos em gesso cartonado suspensos por varões metálicos de forma a diminuir o pé direito. No volume A (restaurante) o teto falso será feito com tábuas de madeira de carvalho encaixadas umas nas outras, criando um painel contínuo, que será suportado por barrotes também de madeira de carvalho que atravessam todo o volume e são fixados nas paredes laterais.

4.6.7. Pavimentos Exteriores

Maioritariamente, os pavimentos exteriores serão concebidos com blocos de betão pré-fabricados com medidas 40 x 80 x 5cm, que são aplicados sobre uma camada de gravilha de regularização com 8cm de espessura.

À exceção da zona dos alojamentos privados, o pavimento será criado com material de madeira maciça de carvalho, suportada por barrotes assentes na camada de gravilha.

4.6.8. Escadas Interiores

A escada interior construída com degraus de madeira maciça terá dois tipos de estrutura: metade dos degraus é fixado às paredes estruturais do edifício, a outra metade assenta numa estrutura metálica que vai fixar-se à parede de betão armado.

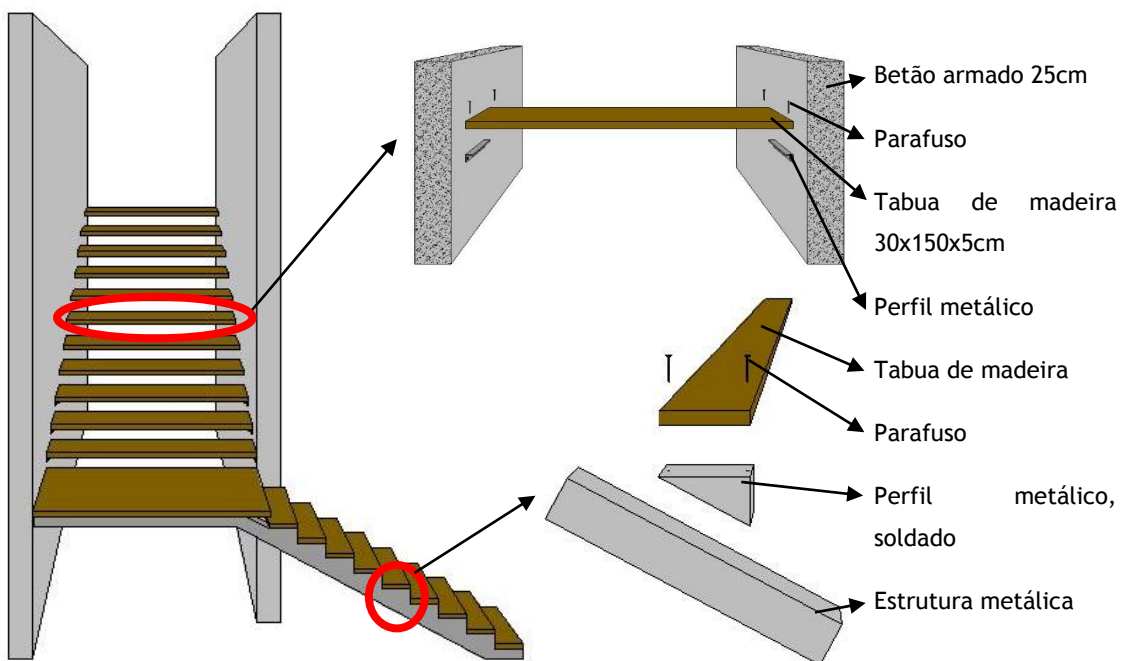


Figura 51 - Estrutura da escada interior

4.6.9. Muros de Suporte

No terreno já existem alguns muros de suporte entre 1m e 1.5m de altura. No entanto, é necessário construir mais muros. Os muros de suporte serão construídos com pedra rustica emparelhada para dar continuação aos muros existentes e serão reconstruídos os canais de água existentes, também com o mesmo tipo de pedra. A pedra ficará em contacto direto com o terreno sem utilizar qualquer tipo de isolamento ou dreno e o escoamento das águas pluviais é feito diretamente na linha de água.

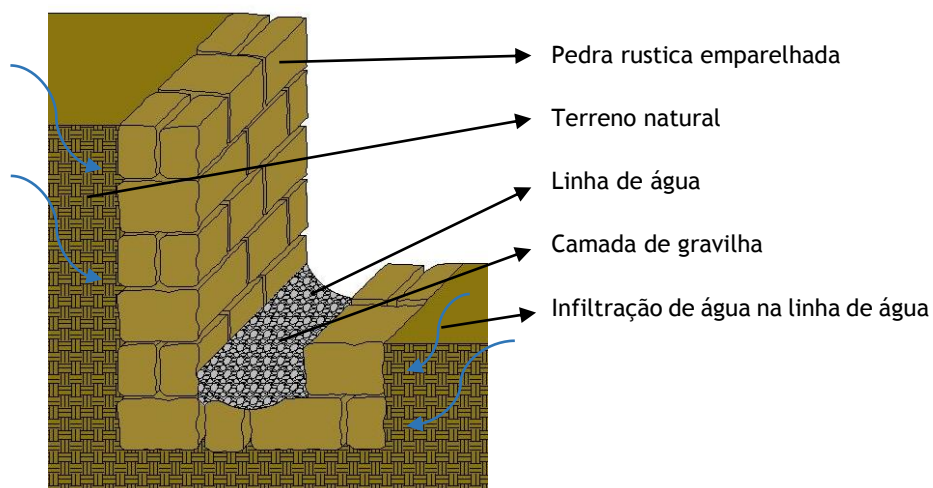


Figura 52 - Muro de suporte

4.6.10. Acesso à Zona de Cargas e Descargas

O acesso à zona de cargas e descargas é resolvido por uma rampa que dá ligação a uma cota com -1.5m de altura. A rampa com dois sentidos apresenta uma inclinação de 4.7°, um comprimento de 18.50m e uma largura de 5m de forma a possibilitar a passagem de veículos pesados.

4.7 Fotos da Maquete / Imagens da Proposta

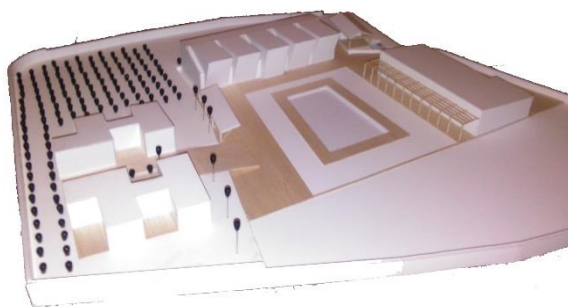


Figura 53 - Fotografia da maquete 1

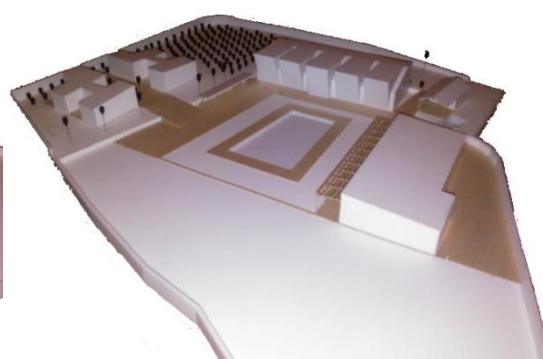


Figura 54 - Fotografia da maquete 2



Figura 55 - Fotografia da maquete 3



Figura 56 - Imagem 3D da proposta

Capítulo 5 - Considerações Finais

A atividade turística é vista como um dos setores que mais contribui para a economia mundial, sendo responsável pela criação de postos de trabalho, desenvolvimento de infra-estruturas e vias de comunicação.

Este produto turístico (turismo em espaço rural) surge de forma a valorizar os recursos naturais e culturais existentes nas áreas rurais, minimizando os contrastes existentes entre as zonas mais desenvolvidas e as zonas mais pacatas em termos económicos.

A natureza, rica em belas paisagens e um meio ambiente que proporciona a paz e o sossego, são o principal foco no crescimento do turismo rural, tanto a nível mundial como também em Portugal.

O turismo em espaço rural é considerado uma atividade bastante recente que assume diferentes formas e definições, na qual o produto final tem de ser de carácter tradicional, desenvolvido em zonas rurais e deve ser sustentável. A sua principal função recai sobre a preservação dos recursos locais, na melhoria das condições de vida da população local, aumento das receitas das atividades agrícolas e evitar o despovoamento das zonas rurais.

A principal intenção passa por criar volumes arquitetónicos possuidores de formas simples e funcionais, que permitem aos visitantes desfrutar da paisagem e do sossego envolvente, bem como das várias atividades existentes. Os três volumes de cor neutra complementam a paisagem e interligam-se uns com os outros circundando uma piscina que marca o núcleo da distribuição dos vários espaços.

Bibliografia

Abrantes, A. (2012), Relatório Profissional.

Moraes, Adriana (2012), Turismo de saúde: dimensionamento das tipologias dos meios de hospedagens na região que compreende a fundação PIO XII.

Ataíde, J. (1912), Relatório das Atividades Desenvolvidas no período de 14 de Setembro de 1911 a Junho de 1912, Repartição de Turismo.

Barke, M. (2004), Rural Tourism in Spain.

Burnay, M. J. (2000). As áreas protegidas - para uma utilização sustentada como destino de qualidade.

Cánoves, G. (2004), Rural Tourism in Spain: an analysis of recent evolution.

Costa, Carlos, Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector turismo (1990-2000).

Chambers, E. (2000), Native Tours. The Anthropology of Travel and Tourism.

Chaskelmann, Jorge, (1996), Marketing Turístico. As Condicionantes Estratégicas.

Cavaco, Carminda, (1999), O Mundo Rural Português: Desafios e Futuros.

Cohen, E. (1979), The Impacto of Tourism on the hill tribes of northern Thailand.

Cooper, C., Fletcher, J., Wanhill, S., Gilbert, D., Shepherd, R. (2001), Turismo - princípios e práticas, Bookman, Porto Alegre.

Costa, J. (2001), Tendências Internacionais em Turismo.

Costa, V. (2013), A modelização das receitas turísticas para a região norte.

Cristóvão, Artur, (2000), Ambiente e Desenvolvimento de áreas rurais marginais: o caminho tortuoso para uma relação potencialmente frutuosa.

Domingues, M., Celestino, (1997), Prontuário Turístico, Instituto Nacional de Formação Turística.

Esteves, Elsa, (2002), Oferta e Procura do Sector Turístico no Distrito de Bragança.

Fernandes, A. (2005), Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Fernando, Kerder, Franciele Silva (2012), Geografia e Ecoturismo - UFSM. Impactos Ambientais do Turismo.

Figueiredo, E. (2003), Um rural para viver, outro para visitar - o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais.

Figueiredo, Palomo, (1990), Teoria Económica del Turismo.

Fourneau, F. (1998), El Turismo en Espacio Rural en Francia.

Gascón, J. e Canda, E. (2005), Viajar a Todo Tren. Turismo, Desarrollo y Sostenibilidad.

Inskeep, Edward, (1991), Tourism Planning: an integrated and sustainable development approach, van Nostrand Reinhold, New York.

João Martins Vieira, (1997), A economia do Turismo em Portugal.

José Alberto Afonso Alexandre, O turismo em Portugal: Evolução e Distribuição.

kastenholz, Elisabeth (2000), Reinventar o Turismo Rural - cocriação de experiencias turísticas sustentáveis.

Licínio Cunha, António Abrantes (2013), Introdução ao Turismo, 5º Edição Atualizada e Aumentada.

Licínio Cunha, Fluxos e Riscos nº1, Desenvolvimento do Turismo em Portugal: OS Primórdios.

Lobo, S. (2012), Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos as cenografias do lazer na costa Portuguesa, da 1.º república à democracia parte I.

Luis, L. (2008), A Arte e os Artistas do Vale do Côa.

Luiz Renato Ignarra (2003), Fundamentos do Turismo, 2º Edição Revista e Ampliada.

Margarida Alexandra da Silva Fernandes (2008), Deleite e fidelização do consumidor no turismo em espaço rural.

Marchín, Carmer, (1997), Marketing y Turismo - Gestión Turística.

Mathieson, Alister e Wall, Geoffrey, (1990), Tourism: Economic, Physical and Social Impact, Longman e Technical, New York.

Mill, C. e Morrison, M. (1985), The Tourism System: Na Introductory text: Nova Jérсия.

Moreira, Carlos, (1994), Planeamento e Estratégias da Investigação Social.

Oliveira, Elton, (2008), Impactos Socioambientais, e Económicos do Turismo e suas Repercussões no Desenvolvimento Local.

Pérez, X. (2009), Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica.

Pereiro, Xerardo, (2007), Antropologia e Modelos de Relación entre o Rural e o Urbano.

Pina, P. (1988), Portugal: O Turismo no seculo XX, Lisboa.

Portela, António, (1998), Melhoria da Qualidade nos Destinos Turísticos.

Ribeiro, J. Coixão, A. (2011), Côavisão - Cultura e Ciência.

Ribeiro, M. e Mergulha, L. (2000), Turismo e Desenvolvimento das regiões do interior.

Ribeiro, V. (1910), Influência da tradição monumental e local no desenvolvimento do turismo no país, Grande Congresso Nacional, Lisboa.

Santana, A, (1997), Antropologia y Turismo. Barcelona: Ariel.

Silva, José, (1997), Evolução da Oferta nos últimos anos e perspectivas para o séc. XXI.

Silva, Luís, (2007), A Procura do Turismo em Espaço Rural.

Umbelino, Jorge, (1998), Turismo em Espaço Rural: Da Utopia à Realidade.

Vieira, J. (1997), A economia do Turismo em Portugal.

Xerardo Pereiro Pérez (2009), Turismo Cultural - Uma visão antropológica, Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.

Decisão 1999/34/CE da Comissão, de 09-12-98 (in Jornal Oficial das Comunidades Europeias nº L 9, de 15-01-1999); OMT - Organização Mundial do Turismo - Recommendations on Tourism Statistics.

Decreto-Lei nº 54/2002 de 11 de Março

Decreto-Lei nº 56/2002 de 11 de Março de 2002

Listagem de Anexos

- 01 - Planta de Localização | Sem Escala
- 02 - Planta de Localização/Distribuição | 1:500
- 03 - Planta de Cobertura (Volume A) | 1:100
- 04 - Planta do Restaurante (Volume A) | 1:50
- 05 - Corte AA' (Volume A) | 1:50
- 06 - Corte BB' (Volume A) | 1:50
- 07 - Alçados (Volume A) | 1:100
- 08 - Planta Cobertura (Volume B) | 1:100
- 09 - Planta Piso 0 (Volume B) | 1:50
- 10 - Planta Piso 1 (Volume B) | 1:50
- 11 - Corte AA' (Volume B) | 1:50
- 12 - Corte BB' (Volume B) | 1:50
- 13 - Corte CC' (Volume B) | 1:50
- 14 - Corte DD' (Volume B) | 1:50
- 15 - Alçados (Volume B) | 1:100
- 16 - Planta de Cobertura (Volume C) | 1:100
- 17 - Planta Piso 0 (Volume C) | 1:50
- 18 - Corte AA' (Volume C) | 1:50
- 19 - Corte BB' (Volume C) | 1:50
- 20 - Corte CC' (Volume C) | 1:50
- 21 - Alçados (Volume C) | 1:100
- 22 - Planta da Cobertura Recepção | 1:100
- 23 - Planta da recepção | 1:50
- 24 - Corte AA' (Recepção) | 1.50
- 25 - Corte BB' (Recepção) | 1:50

26 - Corte CC' (Receção) | 1:50

27 - Alçados (Receção) | 1:100

28 - Planta - Pormenor Construtivo | 1:20

29 - Pormenor Construtivo | 1:10 - 1:20

30 - Estrutura do Estacionamento | 1:50